



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Lucas Leonardo Barboza
Mariane Tavares De Souza

**CONCEPÇÕES DE FAMILIARES SOBRE CONFLITOS
INTERPESSOAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

São José do Rio Preto
2023



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Lucas Leonardo Barboza
Mariane Tavares De Souza

CONCEPÇÕES DE FAMILIARES SOBRE CONFLITOS INTERPESSOAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Educação, como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciado, junto ao Curso de Graduação em Licenciatura em Pedagogia, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientador(a): Prof (a). Dr(a). Luciana Aparecida Nogueira da Cruz.

São José do Rio Preto
2023

Barboza, Lucas Leonardo.

Concepções de familiares sobre conflitos interpessoais na educação básica / Lucas Leonardo Barboza e Mariane Tavares de Souza. -- São José do Rio Preto, 2023

61 f.

Orientadora: Luciana Aparecida Nogueira da Cruz

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura – Pedagogia) –
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e
Ciências Exatas, São José do Rio Preto

1. Educação. 2. Conflitos. 3. Desenvolvimento moral. I. Souza, Mariane
Tavares de. II. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

Lucas Leonardo Barboza
Mariane Tavares De Souza

CONCEPÇÕES DE FAMILIARES SOBRE CONFLITOS INTERPESSOAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Educação, como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciado, junto ao Curso de Graduação em Licenciatura em Pedagogia, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientador(a): Prof (a). Dr(a). Luciana Aparecida Nogueira da Cruz.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Luciana Aparecida Nogueira da Cruz
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientadora

Prof. Dr. Raul Aragão Martins
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof^a. Ma. Camila Fernanda Dias Pavaneli
Examinador (a) externo

São José do Rio Preto
06 de outubro de 2023



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, por ser um alicerce, dar forças diariamente e ajudar no enfrentamento dos obstáculos. Aos nossos familiares por acompanhar, apoiar e incentivar nossa rotina acadêmica. À Pró-Reitoria de Pesquisa da Unesp (PIBIC-Reitoria) pelo suporte à pesquisa e bolsa concedida durante o período de realização da Iniciação Científica. Agradecemos à orientadora Professora Doutora Luciana Aparecida Nogueira da Cruz pela paciência e suporte, que por meio dos diálogos e das coordenadas, colaborou muito no desenvolvimento da presente pesquisa. Também agradecemos aos participantes da pesquisa que colaboraram com a elaboração e realização deste trabalho.

RESUMO

Em decorrência do isolamento social em função da pandemia de Covid-19 no ano de 2020, as atividades escolares passaram a ser realizadas em ambiente doméstico. Professores, alunos, familiares tiveram que adaptar-se ao processo de ensino e aprendizagem a distância. Esta pesquisa objetivou investigar os tipos e possíveis causas de conflitos que aconteceram durante a realização das atividades pedagógicas de forma remota e como os familiares dos estudantes perceberam e lidaram com isso. Foi realizada revisão bibliográfica e pesquisa de abordagem qualitativa. Neste estudo, adotamos o conceito de conflitos de Lugli (2018), que descreve "o termo "conflito" que vem do antigo latim: *conflictus* significa chocar e está relacionado a forças opostas." Afirma que eles são intrínsecos ao ser humano e defende o conflito como um ato integral de relações cognitivas, afetivas e sociais. Assim, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada e selecionadas duas escolas do interior de São Paulo: uma instituição privada e uma pública. No decorrer da pesquisa, familiares apontaram que o ambiente doméstico, nos períodos de pandemia, tornou-se espaço de estudo, convivência e demais atividades cotidianas, fato que, para a maioria dos responsáveis, prejudicou o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, uma vez que, esses espaços, em sua maioria, não tinham locais reservados ou adequados para a realização das atividades escolares. Como afirma Antônio Nóvoa (2019), as tendências recentes de uma "domesticação" da escola, isto é, de um regresso da educação aos espaços "domésticos" é um retrocesso imenso numa visão humanista que se destina a educar todos com todos.

Palavras-chave: Educação. Conflitos. Desenvolvimento moral.

ABSTRACT

Due to social isolation due to the Covid-19 pandemic in 2020, school activities began to be carried out in a domestic environment. Teachers, students, families had to adapt to the distance teaching and learning. This research aimed to investigate the types and possible causes of conflicts that occurred during teaching activities remotely and how students' families perceived and dealt with them. A bibliographic review and qualitative approach research. For this study we adopted the concept of conflicts from Lugli (2018), which describes "the term "conflict" that comes from ancient Latin: conflictus means to clash and is related to opposing forces." She states that they are intrinsic to the human being and argues that conflict is an integral act of cognitive, affective and social relationships. Therefore, a semi-structured interview script was prepared. Two schools in the interior of São Paulo: one private institution and the other public. During the research, family members pointed out that the home environment, during pandemic periods, became a space for study, coexistence and other daily activities, a fact that, for the majority of those responsible, harmed the students' teaching and learning process. , since these spaces, for the most part, did not have reserved or suitable spaces for carrying out school activities. As Antônio Nóvoa (2019) states, the recent trends towards a "domestication" of the school, that is, a return of education to "domestic" spaces, is an immense setback in a humanist vision that aims to educate everyone with everyone.

Keywords: Education. Conflicts. Moral development.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Mães/pais ou responsáveis das escolas participantes divididos por sexo	
30	
Quadro 02 - Síntese dos resumos apresentados	33
Quadro 03 - Síntese dos resultados das entrevistas	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Conflitos interpessoais	12
1.2 Impacto do isolamento social nas relações interpessoais	21
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
3 MÉTODO	28
3.1 Escolas participantes	28
3.2 Participantes da pesquisa de campo	29
3.3 Instrumento	29
3.4 Procedimentos	30
3.4.1 Procedimento da pesquisa de campo	31
3.4.2 Procedimento da revisão bibliográfica	32
4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	33
5 RESULTADO DAS ENTREVISTAS	47
5.1 Análise das entrevistas	56
6 DISCUSSÃO FINAL	61
REFERÊNCIAS	62



1 INTRODUÇÃO

A seguinte pesquisa surgiu da parceria entre nós, Lucas Leonardo Barboza e Mariane Tavares De Souza, durante a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I do curso de graduação em Pedagogia. Inicialmente, Lucas desejava pesquisar os impactos e a influência da sociedade no meio escolar, pois essa temática estava sendo abordada em sua pesquisa de Iniciação Científica (IC), logo, ele tinha a intenção de ampliar e aprofundar essa temática em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Mariane, por sua vez, aspirava estudar sobre Inteligência Emocional e suas nuances, pelo olhar da Psicologia, de modo que achava misterioso como algumas pessoas que passam por tantos traumas na infância ou dificuldades físicas, cognitivas, sociais, entre outras, possuem uma perspicácia de agir com uma perspectiva de superação diária e inspiram outras pessoas. Além da temática instigar sua curiosidade sobre o que a inteligência emocional e as determinadas ações implicam na vida do outro. Para que, fosse possível observar as questões do conhecer-se e a capacidade de entender sobre os próprios conflitos para saber mediar situações externas. Assim, depois de muitas reflexões e diálogos, decidimos que o nosso foco seria realizar um TCC voltado à Psicologia da Educação, dessa forma, fomos direcionados à orientadora Luciana Aparecida Nogueira Cruz, a qual observou uma amplitude em nossas temáticas, identificou uma base construtivista como nossa abordagem e acolheu nossos anseios, dessa forma, redirecionou a nossa pesquisa para que houvesse a delimitação e o desenvolvimento deste estudo.

Achamos interessante estudar os conflitos interpessoais por serem, muitas vezes, vistos como problemática na escola e é nítido que a maioria dos profissionais que atuam na Educação Básica ainda não dominam estratégias de como lidar com situações corriqueiras entre as crianças. Um exemplo é quando uma criança agride fisicamente, ou mesmo verbalmente outra criança. Nesta situação, geralmente, a escola comunica os pais do ocorrido e aplica alguma sanção expiatória (que não tem

relação com o ocorrido). Não raro, há situações em que o adulto (geralmente os pais) orienta a criança a "devolver" a agressão como forma de se defender.

Durante as experiências que tivemos ao realizar os estágios em escolas da Educação Básica, observamos muitas situações de conflitos interpessoais entre as crianças e entre os adultos e as crianças.

Em conversas com nossa orientadora levantamos algumas questões que nortearam os objetivos deste TCC. Uma delas surge da indagação a respeito dos conflitos vivenciados durante o período pandêmico, quando as crianças não frequentaram as escolas e os pais/responsáveis tiveram que conduzir as atividades escolares em casa. Se no ambiente escolar, onde há profissionais formados para atuar de maneira pedagógica com os conflitos, há dificuldades gigantescas para lidar com eles, então, como foi para os familiares conduzirem as atividades escolares de casa e como lidaram com os conflitos?

1. 1 Conflitos interpessoais

Atualmente faz parte da rotina de muitos brasileiros assistir em diferentes mídias, ou mesmo pessoalmente, condutas com as características de desonestidades, intolerâncias, agressividades, autoritarismo e coerção, que pode levar as pessoas a considerarem estes comportamentos como normais e passar a segui-los ou ir na direção da indiferença e apatia, evitando contato com as outras pessoas. O meio escolar, como parte desse cenário, não está imune a estas situações e pode exercer um papel fundamental na origem e no processo de execução e propagação dessas relações. Nesta perspectiva, delimitamos este estudo às relações de conflito, uma vez que, problematizamos suas causas, consequências, assim como as contribuições e influências da temática abordada ao contexto social.

Quando nos referimos ao tema Conflitos interpessoais, é inevitável que no senso comum ocorre uma referência às violências que assolam o mundo, mas é importante destacar que tais termos como conflito e violência não são sinônimos, visto que, quando um indivíduo age violentamente ele provoca danos e no conflito é

diferente, pois trata-se de uma relação cooperativa. A autora Vinha (2003, p. 88), em sua tese destaca que "Piaget enfatizou o importante papel dos conflitos interpessoais como facilitador do conflito interno pelo qual um indivíduo começa a levar em conta outros pontos de vista".

Entretanto, notamos que há uma condição intrínseca ao ser humano que é a agressividade. Segundo Silva et al. (2015) existem modos de diferenciar a fonte do comportamento agressivo, na qual pode ser uma personalidade própria ao indivíduo, devido a genética, suas reações ou funções psicológicas e socioculturais, bem como o fruto de uma reprodução das atitudes dos familiares presenciadas em casa. Assim como, afirmam que as atitudes possuem intencionalidade do agressor e se relacionam com o espaço pessoal dos pares. Afirmam que

Há na literatura o consenso de que diversas variáveis influenciam no surgimento e na manutenção dos comportamentos agressivos na infância, tais como fatores biológicos, psicológicos, evolutivos, culturais, sociais e emocionais, além dessas variáveis há o contexto familiar, as práticas educativas parentais e as características pessoais como a personalidade. Nesse sentido, o comportamento agressivo é produto de um complexo processo de interação entre variáveis internas e contextuais, que interagem continuamente e simultaneamente, ao longo do desenvolvimento da criança. (Silva et al. 2015, p. 71)

Conforme apresentado por Dias (2000), Winnicott possui a concepção de que a característica agressiva é como parte da vida do ser humano, de modo que, "A agressividade que é natural aos seres humanos não tem uma única raiz nem significado unívoco. Ao contrário, tem várias naturezas e diferentes formas de manifestação e a consideração do tema remete a um estudo de suas raízes."(p.12). Assim, considera que a agressividade envolve uma ação, na qual está ligada à energética que o indivíduo deposita em algo.

É válido ressaltar que, os fatos apresentados estão associados também aos sentimentos das pessoas, visto que, Vinha (2003) explica que o modo das suas expressões, como a ira e tristeza, demonstradas no momento conflituoso, são oportunidades para os educadores lidarem de uma forma favorável, de modo que, ajude ao estudante a compreender a importância do diálogo e das resoluções

cooperativas entre os envolvidos. Considerando o respeito, a reflexão e reconhecimento, agindo em prol da aprendizagem da criança. Vinha (2003, p. 90), afirma que na escola, "Quando se tem a concepção de que os conflitos são situações necessárias para a aprendizagem, modificam-se, inclusive, os sentimentos diante dos mesmos. Compreende-se que[...] devem ser administrados, não sofridos".

De acordo com Carneiro (2014, p. 3), observa-se no desenvolvimento da criança que o primeiro período é o de anomia, "a princípio a vida mental do recém-nascido se reduz ao exercício de aparelhos reflexos que com o tempo se transformam em hábitos, pontos de partida para a ajuda de novas condutas, resultantes do auxílio da experiência." Dessa forma, os tipos de estímulos que a criança tem contato são muito importantes nessa fase para as suas futuras ações.

Levando em conta a influência das ações do adulto sobre a criança e que conforme os estímulos se tornam hábitos ao longo de seu desenvolvimento, elas validam seus próprios atos e associam as consequências. Vinha (2003), baseada em Piaget, afirma que a criança considera em si o respeito unilateral pelo adulto, bem como relaciona o pensamento da sua ação em sanção no mesmo nível, ou seja, reação correspondente ao que foi feito. Dessa forma, descreve que as crianças ajuízam as atitudes de forma inflexível e acreditam que, por meio "do sofrimento procedente desse tipo de sanção, que se percebe a gravidade de seu ato e são aparentemente restabelecidas essas relações. A eficácia da punição depende da dor que causa." (p.51)

Segundo Vinha e Tognetta (2009) quando os valores morais não estão integrados no indivíduo e não são vistos por ele como fundamentais, a motivação para seguir regras se dá por interesse próprio ou por obediência, além disso, "os adultos utilizam procedimentos que levam as crianças e jovens a se submeterem a essas normas porque uma autoridade assim o quer [...] atuando, por conseguinte, por caminhos que promovem mais a obediência do que a autonomia" (p. 530)

Além disso, o artigo traz a relação entre o processo educativo com a construção do comportamento e os seus participantes,

Será durante a convivência diária, desde pequena, com o adulto, com seus pares, com as situações escolares, com os problemas com os quais se defronta, e também experimentando, agindo, que a criança irá construir seus valores, princípios e normas." (Tognetta e Vinha, 2009, p. 3)

Uma das consequências que enfrentamos quando a educação fracassa é a violência. Existem medidas para se pensar o combate à violência, já que diversas escolas de países como Austrália, Canadá, Chile, Estados Unidos e Finlândia, por exemplo, realizam projetos de incentivo ao autoconhecimento e cuidados com a saúde mental como forma de prevenção e combate a violências.

Uma reportagem do portal de notícias do G1 mostra medidas utilizadas na Austrália que "Na Estratégia Nacional, são desenvolvidos programas que asseguram que os alunos tenham oportunidades de crescimento.". Além disso, contam com apoio governamental como "orçamento específico para o programa, intersetorialidade na atuação, intervenção precoce e envolvimento da sociedade". (G1, 2023). Dessa forma, estão promovendo regulamentação a fim de lutar politicamente para prevenir ataques e atitudes violentas. Ferreira e Silva (2021) apontam que "Na Finlândia, os alunos participam de vinte horas de atividades com jogos virtuais que visam o combate do bullying." (p. 14). Não obstante, Junior (2022) argumenta que a educação na Europa tem chamado a atenção, em comparação ao sistema brasileiro que tem aplicado mais dinheiro em equipamentos para segurança pública, recurso no qual não impedem atuações criminais, ao invés de tratar a causa e investir na justiça social por meio da educação. Para justificar, o autor engloba o direito educacional e social associado a importância de analisar com criticidade o cenário com "a construção de uma base jurídico-filosófica [...] com capacidade de integrar, de forma mais coerente, as diversas ferramentas de análise social existentes, a fim de dar suporte às políticas públicas voltadas ao combate à criminalidade." (p.8) e acrescenta que "Os defensores do realismo jurídico escandinavo, como críticos do direito natural e de sua relação com padrões morais, procuram fazer uma interpretação do direito como um fenômeno social ancorado no monopólio da força do estado." Acredita-se que quanto maior o nível educacional em um país menor é seu índice de violência, assim, registrou um aspecto finlandês que consiste em "um dos principais instrumentos para coesão e a

paz social se materializa através da concretização do direito à educação, que irradia efeitos benéficos em todos os aspectos da vida social, inclusive na prevenção do crime." (p. 51-52).

Os dados da pesquisa de base quantitativa, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o Atlas da Violência (CERQUEIRA; BUENO, 2020) descreve a violência, utilizando os seguintes eixos: contexto social, juventude, mulheres, negros e o grupo LGBTQIAPN+. Os três últimos, embora formados por muitas pessoas, são grupos minoritários em termos de poder (BLAY, 2015) e, por isso, vulneráveis a um contexto designado violento. O Atlas da Violência expõe, a partir dos dados do Sistema de Informação de Mortalidades do Ministério da Saúde, que no intervalo de 2006 a 2016, foram obtidas taxas que variam de modo crescente de 26,6 a 30,3 mortes violentas por 100 mil habitantes de modo geral na sociedade.

No entanto, ao conferirmos as amostras dos índices de mortalidade cada 100 mil habitantes junto aos eixos citados anteriormente vislumbraremos, por exemplo, ao redor dos jovens uma taxa de 60,4 mortes violentas a cada 100 mil habitantes, logo, ao redor das mulheres apontam para taxas devastadoras de 4,3 a cada 100 mil habitantes, assim como a comunidade negra indicando os números de 37,8 a cada 100 mil habitantes e as taxas de 420 mortes violentas no ano 2018, em decorrência de discriminações envolvendo o grupo LGBTQIAPN+.

O dado exposto anteriormente foi concebido com base em uma análise específica sobre o contexto social brasileiro, porém, o mesmo pode ser confrontado de modo amplo e geral, através de estatísticas e dados que refletem os variados cenários sociais de países estrangeiros, como por exemplo, os nossos vizinhos da América do Sul e Central, que configuram a definição de países latinos. Estes países apresentam, segundo o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU, 2017, apud CERQUEIRA, BUENO, 2020), em média, 17,2 mortes violentas por 100 mil habitantes, mais precisamente de acordo com estudos realizados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID, 2017) que registrou um índice de 2,5 milhões de homicídios entre os anos de 2000 a 2017, estabelecendo níveis de ascensão ao caráter violento destas sociedades latinas.



O mesmo ocorre nos Estados Unidos da América (EUA), o qual segundo pesquisas do Departamento Federal de Investigação (FBI, 2020 apud CERQUEIRA, BUENO, 2020), no intervalo entre os anos de 2000 e 2020, as taxas de mortalidade por 100 mil habitantes variaram respectivamente entre 5,3 a 6,5, o que evidencia um crescimento acentuado de mortes violentas na sociedade americana.

Em contrapartida, no velho mundo ou continente europeu, segundo o Banco de Dados de registros e infrações penais da União Europeia (BDRIP, 2018, apud CERQUEIRA, BUENO, 2020), entre os anos de 2008 e 2018, foi registrado um decréscimo de 30% no número de homicídios voluntários, registrando uma tendência de análise contrária aos dados estabelecidos anteriormente, a mesma é encontrada em países orientais por meio de estudos globais sobre homicídios realizados pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC, 2019), em que refletem taxas de 2,3; 3,0 e 2,8 mortes violentas para cada 100 mil habitantes, exercendo taxas de mortalidades menores que a média global no mesmo ano, que foi de 6,1 para cada 100 mil habitantes segundo o mesmo estudo.

O estudo destaca ainda sobre os países que formam o continente da Oceania, o qual denota novamente uma análise decrescente na taxa de mortes violentas, explicitando uma taxa de menos de 1 homicídio a cada 100 mil habitantes.

Importante ressaltar que o estudo realizado pelo UNODC, reflete uma variação de taxas de homicídios por morte violenta desde o ano 2000, tanto de análises específicas de cada país, quanto em circunstâncias globais, e a partir do mesmo e tantos outros citados anteriormente, refletimos que junto de diversos contextos sociais o caráter violento pode se interligar a fatores de desenvolvimento ou subdesenvolvimento destes contextos. Entretanto, alguns países se distanciam dessa análise primária, e mesmo apresentando excelentes índices de desenvolvimento social, eles ainda destacam elevado crescimento de taxas de mortes violentas, o que nos leva a inferir outras perspectivas de análise para esta temática, por exemplo, formações políticas, ideológicas, sociais, culturais, econômicas.

Foi para esclarecer as perspectivas citadas anteriormente que o estudo realizado pelo IPEA entre os anos de 2008 a 2013, em que ocorreu uma variação de

50 mil e 58 mil homicídios anuais, aponta fatores que relacionam tais taxas a fatores geográficos, como as diferentes regiões e índices demográficos, além de aspectos sociais, especificamente seus grupos minoritários e vulneráveis, por exemplo o de os jovens; os quais em 2018 representaram 30.873 vítimas de homicídio, ou seja, uma taxa de 60,4 homicídios a cada 100 mil jovens, o que significa 53,3 do total de homicídios no país.

A pesquisa destacou um segundo grupo de pessoas, os pertencentes à comunidade LBTQIAPN+, que apresentam taxas de aumento de 127% em relação às denúncias de homicídio no ano de 2016 a 2017, em que houve 85 registros de casos, contudo em 2017 houve o registro de 423 casos, exercendo um aumento de 53% no número de casos no intervalo de um ano.

São dados que denotam um contexto de permanente violência destacada perante os grupos ou setores minoritários. E neste momento demonstramos tal afirmação, junto a um outro grupo minoritário, historicamente excluído, discriminado, explorado e escravizado, estamos nos referindo ao grupo de pessoas afrodescendentes ou negras, com taxas no ano de 2018, que 75,7% das vítimas de homicídio eram de negros, com um total de 37,8 a cada 100 mil, comparando tais números com as taxas de homicídios de brancos, amarelos e indígenas somando juntos 13,9% do total, da mesma forma nos deparamos com a taxa de 68% das mulheres assassinadas são negras.

O último dos grupos a destacar-se dentre os dados do IPEA (2019), são as mulheres, com taxas de 4.936 homicídios em 2017, destacando em média 13 assassinatos de mulheres por dia, o que representa um aumento de 30,7% em relação ao ano de 2007.

Para além das taxas supracitadas, a pesquisa ressaltou que 29,8% das mulheres foram mortas por arma de fogo dentro de suas residências, por isso, ao compararmos a taxa de homicídios que ocorreram dentro de casa contra mulheres, o percentual é de 39,2% enquanto esse percentual é de 15,9% contra os homens. Outros aspectos da pesquisa são abordados no entorno do mesmo grupo, a exemplo da taxa 43,3% dos homicídios ocorreram em períodos da juventude feminina, assim

como os dados referentes à vitimização por homicídios de mulheres que representou 63,4%.

Depois destes dados alarmantes sobre violências, trazemos alguns dados assustadores sobre a violência no ambiente escolar. Vinha (2003) descreve em sua tese uma situação que aconteceu em uma turma de supletivo, onde ocorreu uma falha na eletricidade e a classe ficou sem iluminação por um período curto, cerca de 10 minutos, "tempo esse necessário para que alguns alunos, acobertados pela escuridão, quebrassem alguns móveis, destruíssem materiais escolares e danificassem janelas, ventiladores e luminária." (p. 39).

Em outro exemplo, a autora mostra duas situações descritas pelas crianças, onde efetuou a tabulação dos relatos em relação a manifestações dos conflitos na escola e inseriu em sua pesquisa.

Três meninos estavam jogando bola, quando uma menina entrou na quadra e ficou lá no meio do jogo. Eles pediram licença e ela não quis sair então jogaram uma pedra nela. Ela perguntou: 'Por que você fez isso?' O menino respondeu: 'Nós pedimos licença'. Ela responde: 'Seu chato! Deixa eu brincar?' O garoto responde: 'Está bom, brinca'. Ela ficou muito triste porque levou uma pedrada e depois ficou feliz porque eles deixaram ela brincar. (Vinha, 2003. p. 372)

Telma apresentou outro relato ocorrido na turma,

"Teve um dia que a menina começou a falar mal da mãe dele para as outras colegas. E os outros colegas dele falou para o João 'João, as meninas estão falando mal de sua mãe'. E uma das meninas se feriu porque o João ficou bravo e tacou uma pedra nela que fez um buraco (*na cabeça da menina*). E as outras colegas dela foram chamar a diretora e falaram que o João tinha tacado pedra nela. A diretora deu suspensão. E a menina nunca mais falou mais mal da mãe dele". (Vinha, 2003. p. 372)

Até aqui trouxemos alguns dados que apontam o quão necessário é aprendermos a lidar com os diversos conflitos, para assim contribuirmos com o desenvolvimento de estratégias para que as pessoas desde a infância lidem de maneira construtiva com sua agressividade e estabeleçam relações saudáveis socialmente.

Além destes fenômenos podemos pensar as relações pessoais não desejadas nas escolas como conflitos e para compreendê-los melhor recorreremos às seguintes

autoras: Lugli (2018), Licciardi (2010), Vinha (2003), Vinha e Tognetta (2008), Frick (2011) e Leme (2018), que investigaram as ocorrências de conflitos e suas relações tanto no ensino fundamental, quanto na educação infantil.

Faz-se importante ressaltar que a palavra “conflito” é citada diversas vezes no decorrer de nossa pesquisa, por exemplo, quando falamos sobre um contexto conflituoso; sobre conflitos crescentes ou conflitos na escola, com isso, resolvemos responder a uma pergunta hipotética que poderá surgir durante a leitura: afinal o que é conflito?

Adotamos o conceito de conflitos de acordo com Lugli (2018), ela descreve “o termo “conflito” que vem do antigo latim: *conflictus* significa chocar e está relacionado a forças opostas.” (p.46). Afirma que eles são intrínsecos ao ser humano e defende que o conflito é um ato integral de relações cognitivas, afetivas e sociais. Com base em Leme (2004) ela cita que conflitos provocam, entre os indivíduos, “afeto negativo e por isso, frequentemente são resolvidos de forma violenta em detrimento de formas mais pacíficas. Contempla recursos cognitivos, afetivos e o contexto social dos envolvidos.” (p.47). Além disso, Vinha (2003) aponta que “As crianças na escola vivenciam continuamente diversos tipos de conflitos interpessoais (interações em desequilíbrio).” (p.32). Mediante a tais fatos, é possível denotar a relação dos conflitos na sociedade como algo comum, porém, inconveniente e provocador de reações instintivas ou heterônomas.

Neste segundo momento, diferente da última pesquisa estatística, em que salientamos a relação contextual e social dos conflitos, desta vez, referenciamos a articulação especificamente dos conflitos no contexto escolar que é envolto pelo social. Barbieri, Santos e Avelino (2021), descreveram dados que sustentam tais afirmações apontadas, como exemplo, os dados em relação a ocorrência de situações de violência no meio escolar, em que 81% alunos e 90% professores souberam de casos de violência, assim como 54% dos professores da rede estadual de São Paulo, relatam algum tipo de violência sofrida.

De acordo com o Atlas da violência (2019) analisamos que em pesquisas anteriores ao ano de 2017, esse percentual era 51% e 44% em amostras obtidas no



ano de 2014, evidenciando, junto da outra pesquisa, a mesma evolução na escalada das relações de conflito ao longo dos anos, para além dos professores, 29% dos alunos relataram ter sofrido Bullying, o percentual aumenta quando analisamos a esfera tecnológica, em que 36% dos alunos da rede pública do estado São Paulo relataram ter sofrido *Cyberbullying* e 37% afirmaram faltar às aulas por causa desta categoria de violência.

Em última análise verificamos a taxa de suicídio entre os mesmos alunos, as quais demonstram que em adolescentes de 15 anos e jovens de 29 anos, ela aumentou em um período de 12 anos, de 5,1 por 100 mil habitantes para 5,6 por 100 mil habitantes, ou seja, um aumento de aproximadamente 10%. Com isso, Licciardi (2010, p. 2) aponta que “A expansão da violência, como ocorre nos meios digitais, nos obriga a pensar (ou ao menos deveria) nas intervenções educativas que foram utilizadas nos ambientes que essas crianças interagem.”

Outro ponto relevante é salientar que o cenário supracitado foi intensificado durante os períodos de pandemia do Covid-19, pois quando refletimos sobre a essência humana, imediatamente vem em evidência o aspecto social, pois o ser humano é um ser que vive e sobrevive na coletividade.

1. 2 Impacto do isolamento social nas relações interpessoais

Desde março de 2020, o Brasil enfrentou a disseminação do vírus Sars-cov-2, com acentuados índices de circulação e transmissão, tendo como consequência milhares de pessoas internadas, ocasionando crises permanentes, principalmente nos sistemas de saúde, assim como elevadas taxas de mortalidade; fatos estes que nos levaram ao afastamento, distanciamento e isolamento do convívio, inclusive ao fechamento das escolas.

Após o fechamento das escolas, as atividades escolares passaram a ser realizadas em ambiente doméstico. Os professores, os alunos e seus familiares tiveram que adaptar as atividades escolares ao ambiente fora da escola. Muitos familiares dos estudantes começaram a acompanhar as atividades pedagógicas que



os professores atribuíam para serem realizadas em casa. As aulas foram transmitidas de forma *on-line* ou pela televisão (no caso das aulas das escolas públicas do estado de São Paulo pelo centro de mídias, disponível em: < <https://centrodemidiasp.educacao.sp.gov.br/> >). Só que alguns alunos não tinham acesso à internet ou até mesmo não possuíam aparelhos como celular, tablet ou computador para realizar as atividades escolares. Para tanto, é possível identificar esse fato por meio da reportagem de (RODRIGUES, 2023) do Centro de notícias da Uninter (Centro Universitário Internacional) que reconheceu a falta de acesso e levantou dados estatísticos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), bem como pesquisas de cunho nacional no ano de 2021, indicando que “244 mil crianças de 6 a 14 anos estavam fora do sistema educacional em 2021. A evasão escolar apresentou um aumento de 171% em relação a 2019, antes do surto da covid-19.”

Os municípios seguiram as recomendações dos governadores e os profissionais da educação foram adaptando o ensino para acontecer de forma remota e levar o aprendizado aos alunos, buscando superar as dificuldades que iam surgindo. Dentre as dificuldades, chegava aos educadores relatos dos familiares sobre os conflitos enfrentados pelo fato das crianças não poderem frequentar as escolas, já que devido ao isolamento imposto pela situação de pandemia, obrigou o fechamento de todas as escolas.

Observamos em nossas famílias e em relatos de pais e professores muitas dificuldades ao realizarem as atividades pedagógicas com as crianças dentro de suas casas. Pensando nisso, objetivamos investigar os tipos de conflitos que os familiares perceberam ao realizar as atividades escolares com as crianças em domicílio.

Com esta pesquisa, buscamos compreender os tipos e as possíveis causas de conflitos que acontecem ou aconteceram durante o ensino de forma remota devido ao isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19. Assim como, as possíveis consequências e impactos que as crianças sofreram ao passarem mais de um ano longe do ambiente escolar. Assim, a questão desta pesquisa e objetivo foi “Qual a percepção dos pais/responsáveis sobre os conflitos escolares durante a pandemia?”



Buscando responder a essa questão, objetivamos investigar a percepção de familiares sobre os conflitos surgidos na realização das atividades pedagógicas do ensino fundamental I de forma remota, devido ao isolamento social durante a pandemia de Covid-19.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi produzido em consonância com as pesquisas de Iniciação Científica¹ de Lucas (bolsista CNPq) e de Mariane (bolsista Reitoria Unesp). Cabe dizer que os pesquisadores-estudantes deste estudo foram contemplados com bolsas de Iniciação Científica pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Unesp (PIBIC-Reitoria) e pelo Conselho Nacional de Pesquisa (PIBIC/CNPq) durante a realização do Trabalho de Conclusão de Curso.

O texto está organizado em seis seções: a primeira com esta introdução, a segunda seção apresenta como fundamentação teórica estudos de pesquisadores da área da Psicologia e da Educação moral que desenvolvem estudos sobre conflitos no ambiente escolar. Na terceira seção encontra-se o método e suas subseções pertinentes, a quarta é a revisão bibliográfica com resumos de artigos dos autores estudados, a quinta engloba os resultados das entrevistas e a sexta seção consiste na discussão final com a sistematização e reflexão sobre o assunto.

¹ Este trabalho foi uma produção dupla com o mesmo tema utilizado para o Trabalho de Conclusão de Curso e para Iniciação Científica com Bolsa financiada pela PROPE (Pró Reitoria de Pesquisa), ambos sob orientação da docente doutora em educação Luciana Aparecida Nogueira da Cruz.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, para fundamentar teoricamente a presente pesquisa, destacamos os estudos de pesquisadores que discutem temas relacionados aos conflitos escolares com abordagem construtivista, como Telma Pileggi Vinha, Loriane Trombini Frick, Luciene Regina Paulino Tognetta, Lívia Maria Silva Licciardi, Maria Isabel da Silva Leme.

A pesquisadora Vinha (2003), esclarece as relações interpessoais conflituosas como pertencentes ao nosso ciclo de vida, assim, os conflitos seriam responsáveis pela tomada de perspectiva de valor moral perante seu contexto. Por isso, os conflitos reúnem as capacidades biológica, sociológica, psicológica e filosófica. Para Frick (2011), os conflitos são determinantes em todos os períodos de nossa humanidade desde a idade antiga, moderna e contemporânea dentro do período de vivência humana. Como resultado, Vinha e Tognetta (2008), apontam que a reação à indisciplina, estabelecida como um ato em desacordo entre professor e alunos, pode ter consequências diretamente interligadas ao desenvolvimento da aprendizagem e a prática pedagógica.

De acordo com Licciardi (2010), os conflitos com relação à propriedade, assim como, disputas físicas e verbais abarcam tentativas errôneas, porém rotineiras para a solução desses conflitos, por meio de situações de estaque ou resoluções rápidas como castigos e recompensas.

A autora salienta a análise e a perspectiva do meio escolar sobre a fundamentação ou aspecto do desenvolvimento moral Piagetiano e suas representações e efeitos, em específico no corpo docente. Para além de tal análise ou perspectivas de fundamentação teórica/prática no meio escolar e seus docentes, podemos estabelecer e categorizar de maneira prévia as relações de conflito existentes em meio ao contexto escolar analisado.

Destacamos as relações de conflito relacionadas a categoria física, verbal e de propriedade, as quais descrevem de maneira empírica as mesmas relações e

categorias da prática docente e suas estratégias de vivência, ao seu modo de enfrentamento e resolução; de um lado, professores ditos tradicionais em sua metodologia conceitual e propagando-se em direção às suas relações e, em contrapartida, um segundo grupo, que vislumbra a perspectiva de análise fundamental desta pesquisa, sendo ela o desenvolvimento Piagetiano, sobre o qual se caracteriza, segundo a autora em sua dissertação

Em síntese, a teoria piagetiana considera que o conhecimento é construído a partir da interação do sujeito com o meio, a partir das estruturas existentes ou das condições *a priori*. Essa construção corresponde a uma reorganização de conceitos e não a uma simples adição de informações. Para que essa reorganização ocorra é necessário que haja uma necessidade ou um desequilíbrio, decorrente da solicitação do meio. Todo esse processo ocorre na construção de estratégias mais elaboradas e sofisticadas de negociação interpessoal. Enquanto um tipo de estratégia funcionar para resolver os conflitos interpessoais, o sistema permanecerá em equilíbrio. Entretanto, à medida que elas não forem mais suficientes para assimilar novas situações, há maior possibilidade de novas acomodações e construções de novos esquemas. (Licciardi 2010, p. 26)

Denota-se que o primeiro grupo compreende a perspectiva das relações de conflito como algo negativo e por isso necessitam ser extintas, retiradas ou terminadas de maneira rápida e por vezes como estanque, ou seja, de modo superficial sem referenciar de fato a razão e os aspectos ao entorno destas relações, apenas tomam para si o todo e a partir deste momento iniciam-se as tentativas de eliminá-las rapidamente, como por exemplo, através do uso de gritos, batidas em objetos ou até castigos de isolamento ou os chamados cantinhos do "pensamento".

Podemos esclarecer que as características supracitadas descrevem para além de metodologias tradicionais, mas também indicam a essência do senso comum em direção a fundamentação das relações de conflito. Em vista disso, ressalta-se que mesmo em professores que seguem a abordagem construtivista ocorrem atitudes que reforçam a heteronomia moral, que vai na contramão das teorias estudadas.

Ressaltamos o fato de que muitos professores estabelecem com seus alunos relações coercitivas e autoritárias, o que dificulta o desenvolvimento da moral autônoma dos estudantes. Piaget (1932/1994) descreve duas morais – heterônoma e autônoma – em seu livro *O juízo moral da criança*, publicado originalmente em 1932.

Quando o sujeito tende a moral autônoma ele busca os princípios que regem as regras e é capaz de questioná-las. Adquire a capacidade de descentração à margem do problema, pois, ao invés de pautar-se em regras autoritárias, ele faz acordos mútuos e arbitrários entre seus agentes, estabelecendo como fator principal a compreensão do outro, além de se engajar em preceitos desrespeitados ou alterados. Desse modo, é possível identificar na autonomia a noção de equidade e as amplas estratégias de enfrentamento e resolução do conflito, seja por meio do diálogo, da reciprocidade e da mutualidade, tanto do meio quanto dos agentes. Consequentemente, constata-se além da autonomia, também uma reflexão voltada à formação de alunos essencialmente humanos.

Em outra perspectiva ao entorno da mesma temática, Vinha (2008) fundamenta que, de forma geral, o contexto de violência e indisciplina no meio escolar, encontra o professor como um indivíduo incomodado e externo ao seu próprio meio, uma vez que as indisciplinas e violências, mesmo com ações de enfrentamento, acabam por ocasionar sofrimentos e traumas maiores que os antecessores.

A vista deste contexto e suas categorias de violência, explicitados por padrões ameaçadores, agressivos e intimidatórios, são determinadas, por exemplo, por meio de agressões físicas como empurrões, chutes, socos, ou mesmo agressões verbais como impicâncias, xingamentos e ofensas verbais, e até mesmo de maneira implícita através de ameaças ou intimidações indiretas.

Para Leme (2009) as mesmas categorias e padrões de indisciplina e violências integrados ao contexto escolar podem ser explicitados dentre suas causas, meios e consequências em três princípios básicos dessa conjuntura: a representação da autoridade, da liberdade e do poder. A autoridade definida pela submissão e obrigatoriedade se enquadra no primeiro princípio, vislumbrando um bem comum, geralmente interligado às formas de poder, as quais são articuladas junto às instituições como uma forma de coerção moral, interferindo de forma direta no meio escolar em relação a atitude do corpo docente. Por esta afirmação, surgem as causas e consequências que permeiam tal relação de indisciplina e violência vivenciada pelo professor.

O segundo princípio desenvolve o termo da liberdade, o qual relaciona os aspectos de respeito, tolerância e igualdade frente ao outro, sem que a liberdade de um indivíduo se sobreponha a outra. A exceção a essa definição é direcionada a grupos que se desfazem de seu direito à liberdade, pela proteção ou regulação do estado (contrato civil). Também podemos traçar a liberdade no âmbito marxista, anarquista ou socialista, com a liberdade de estruturas estatais e o protagonismo dos indivíduos pelo regime autorregulatório.

A mesma análise denota os meios do contexto articulado aos alunos, na qual há saturação na perspectiva do poder em concepções marxistas e liberais. Por isso, necessitava-se de uma nova concepção baseada em tecnologias de poder, sem qualquer interligação com estruturas estatais, mas uma forma de poder descentralizado e multifacetado, ou seja, o poder estabelecido a cada instante, como uma construção mútua entre o professor e o aluno, junto da liberdade tolerante e respeitosa entre todos, em que a autoridade, nessas circunstâncias, resultará em um bem comum para além de submissões ou obrigações.

A escola, retratada por Leme (2018), também é uma importante instituição de socialização da criança, principalmente pela sua concepção de conflitos, porque nesse local determina-se como será tratado o tipo de ocorrência.

De acordo com Vinha e Tognetta (2008), se a escola concebe que paz é sinônimo de ausência de conflitos, em geral, estabelecerá muitas regras para evitar sua ocorrência, ou intervirá diretamente neles, interrompendo-os sem auxiliar as crianças a chegarem a uma solução satisfatória.

3 MÉTODO

Para alcançar o objetivo de conhecer a percepção de familiares sobre os conflitos surgidos durante a pandemia, quando as atividades pedagógicas aconteceram de forma remota, foi realizada revisão bibliográfica e pesquisa de campo do tipo qualitativa.

Vale ressaltar que, segundo Rodrigues (2021), a pesquisa qualitativa consiste na obtenção de dados descritivos na perspectiva da investigação crítica ou interpretativa e estuda as relações humanas nos mais diversos ambientes, assim como a complexidade de um determinado fenômeno, a fim de decodificar e traduzir o sentido dos fatos e acontecimentos.

Logo, para Piana (2009) as pesquisas de campo são caracterizadas por meio de coletas de dados que acontecem diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

Contudo, estabelecemos que a revisão bibliográfica é o processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento em busca de resposta a uma pergunta específica. "Literatura" cobre todo o material relevante que é escrito sobre um tema: livros, artigos de periódicos, artigos de jornais, registros históricos, relatórios governamentais, teses e dissertações e outros tipos. (BARROS, p. 8, 2011).

3.1 Escolas participantes

Foram selecionadas, por conveniência, duas escolas de municípios do noroeste paulista. Neste trabalho são nomeadas como "Escola 1" e "Escola 2".

A Escola 1 é uma instituição privada, que atende estudantes da educação infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no município de Ibirá, SP (cerca de 11.690 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - em 2022).

A Escola 2 é pública municipal, localizada em um bairro periférico de São José do Rio Preto (com cerca de 480.439 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - em 2022), atende 540 alunos, sendo 276 crianças no período matutino correspondente ao horário das 07h00m às 12h00m e 264 crianças no período vespertino correspondente ao horário das 12h30m às 17h30m. A faixa etária atendida é de 6 a 10 anos, com as séries do 1° ao 5° ano do ensino fundamental I.

3.2 Participantes da pesquisa de campo

Aceitaram participar da pesquisa e responderam à entrevista três mães e um pai de estudantes da Escola 1 e quatro mães e uma avó de estudantes da Escola 2. Como mostra o Quadro 1.

Quadro 1. Mães/pais ou responsáveis das escolas participantes divididos por sexo

Instituição	Sexo		Total
	Fem	Masc	
Escola 1 Privada (PV)	03	01	04
Escola 2 Pública (PB)	05	0	05

Fonte: autoria própria

3.3 Instrumento

Os autores deste trabalho, elaboraram um roteiro de entrevista semiestruturada. Este tipo de entrevista, segundo Manzini (1990), consiste em entrevistas que foram elaboradas com questões parcialmente definidas, ou seja, semiestruturadas, que estão focalizadas em um assunto, sobre o qual confeccionaram um roteiro com as perguntas principais e complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor

supramencionado, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

O roteiro da entrevista foi composto por seis questões que buscavam coletar relatos de familiares sobre as vivências na educação remota durante os anos de pandemia.

O roteiro de entrevista semiestruturada consistiu nas seguintes questões:

- 1) O que é conflito interpessoal para você? Me dê algum exemplo de conflito.
- 2) Seu filho/a estuda em escola pública ou privada?
- 3) Me fala como foi a realização das atividades escolares de seu/sua filho/a durante a pandemia? Alguém auxiliava a criança? Se sim, quem? Qual o local que a criança estudava? Qual o aparelho (pc ou celular)? Tem internet wifi ou é plano de celular? A frequência das aulas com a professora da escola era todos os dias? Quanto tempo?
- 4) Na sua opinião quais os prós (vantagens) e contras (desvantagens) do ensino remoto (pelo computador ou pelo celular)?
- 5) Você percebe alguns conflitos durante a realização das aulas/atividades? Se sim, quais?
- 6) Se sim, como você lida com essas situações?

3.4 Procedimentos

A pesquisa foi realizada em duas etapas: a primeira a de revisão bibliográfica com pesquisas em plataformas virtuais de artigos e teses selecionadas conforme o tema trabalhado. E a segunda etapa consistiu na pesquisa qualitativa. A seguir, detalhamos os procedimentos de cada etapa.

3.4.1 Procedimento da pesquisa qualitativa



O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista (Ibilce/Unesp) e recebeu parecer favorável em 29 de agosto de 2022, com o parecer de número 5.783.033. O projeto também foi aprovado com o auxílio de bolsa PIBIC Reitoria (Programa Unesp de Bolsas de Iniciação Científica).

Após a aprovação do CEP entramos em contato com as escolas, que foram escolhidas por conveniência. Nossa meta era entrevistar 30 responsáveis, sendo 15 participantes de cada escola. Ao recebermos autorização deu-se início a coleta de informações. Que aconteceu da seguinte maneira:

Faz-se importante ressaltar que a Escola 1, desde o início da pesquisa, informou que não apenas faria a intermediação do contato com os pais ou responsáveis, como também os escolheria para realizar as entrevistas que aconteceram de forma presencial ao longo do mês de setembro no ano de 2022, tais entrevistas foram posteriormente transcritas e analisadas, a fim de estabelecer debates e reflexões sobre elas.

E na Escola 2 efetuamos ligações pelo telefone fixo da escola e o questionário foi aplicado aos pais/responsáveis pelos alunos do 5º ano do ensino fundamental I, de forma anônima, com entrevistas realizadas presencialmente. As entrevistas foram executadas em uma sala destinada pela direção da escola, onde a entrevistadora apresentou as informações do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a cada participante individualmente e depois do aceite, foi feita a entrevista com cada uma em dias diferentes. Cada entrevista durou em média 10 minutos.

Ao longo da vivência investigativa no campo de coleta de dados, encontramos algumas dificuldades na tentativa de contato com os respondentes das crianças. Aos que atenderam o telefonema, explicamos o objetivo do contato e em seguida oferecemos a opção de compartilhar por e-mail um link para chamada de vídeo, porém todos os responsáveis não aderiram à tal opção, relataram não saber qual era o teor da entrevista, e desconfiados ficaram com medo de ser um golpe. Outros, deram a justificativa de que não sabiam mexer no aplicativo de chamada de vídeo do *google*

meet. Consequentemente, todos eles optaram pela conversa de modo presencial na escola em vez do modo *on-line*.

A secretaria da escola foi muito atenciosa e com o intuito de colaborar na pesquisa forneceram-me a Relação de Alunos por Classe dos quatro quintos anos, além disso, permitiu o meu acesso aos prontuários dos alunos com o número de telefone de cada responsável. Ao todo efetuei 46 ligações, sendo que 26 pessoas não atenderam ao telefone, 7 pessoas recusaram-se a fazer a entrevista por não ter interesse, 12 pessoas agendaram horário para o diálogo e 1 pessoa desligou o telefone durante a minha fala na apresentação da proposta. Em contrapartida, na ligação de lembrete e confirmação no dia marcado, um total de 7 pessoas cancelaram o comparecimento por motivos de: horário da entrevista incompatível com o trabalho, muita ocupação no lar, compromisso não especificado, sem horário disponível.

Outros casos difíceis ocorreram, por exemplo, 63 prontuários não foram encontrados, porque a secretaria escolar estava atualizando algumas informações no sistema e isso implicou na perda de material disponível para a investigação, e 3 prontuários estavam sem telefone discriminado.

3.4.2 Procedimento da revisão bibliográfica

A revisão bibliográfica foi baseada em dados existentes na literatura, de modo que, cada texto selecionado é pertinente ao assunto tratado neste trabalho. Fizemos várias pesquisas no *Google Acadêmico* com palavras chaves, como conflitos, violência, construtivismo, autonomia, educação na pandemia. Portanto, ao refletir sobre a temática da pesquisa, destacamos dez artigos publicados entre os anos de 2014 a 2021, posteriormente produzimos resumos sobre os mesmos para utilizá-los como fundamentação teórica de nossa pesquisa de campo.

4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Quadro 02. Síntese dos resumos apresentados

Resumos de artigos dos autores estudados		
Identificação	Título do artigo	Ano de publicação
Resumo 1	Os conflitos como momento de ruptura da hegemonia: contribuições à sociologia e à educação ambiental a partir de Henri Lefebvre.	2016
Resumo 2	Gestão escolar, situações de conflito e violência: campo de tensão em escolas públicas.	2016
Resumo 3	Mediação de conflitos em escolas: entre normas e percepções docentes.	2016
Resumo 4	Educação e justiça restaurativa: os desafios na resolução de conflitos no ambiente escolar.	2016
Resumo 5	O clima escolar e a convivência respeitosa nas instituições	2016

	educativas. Estudos em Avaliação Educacional.	
Resumo 6	Os conflitos interpessoais no Brasil e as violências escondidas.	2014
Resumo 7	O clima escolar na perspectiva dos alunos de escolas públicas.	2017
Resumo 8	Contemporaneidade e a convivência democrática na escola.	2019
Resumo 9	Políticas educacionais de mediação de conflitos e violência.	2020
Resumo 10	Mediação escolar: Educação para a Pacificação Social.	2021

Fonte: autoria própria

Resumo 1: MACHADO, C. R. da S.; MORAES, B. E.. Os conflitos como momento de ruptura da hegemonia: contribuições à sociologia e à educação ambiental a partir de Henri Lefebvre. *Novos Rumos Sociológicos*, v. 4, n. 6, p. 115-136, 2016.

Uma das principais bases do sistema capitalista hegemônico, é a naturalização de suas narrativas, ideias e princípios, os quais são amplamente disseminados por Estados, governos, empresas e produções midiáticas; importante ressaltar que tal naturalização é fundamental para que seus objetivos e intencionalidades sociais, produtivas, políticas, econômicas e educacionais sejam concretizadas, utilizando-se de sujeitos como meras peças para funcionamento de suas engrenagens. No entanto, as possibilidades de ruptura e contraposição a este sistema, por vezes estão atreladas a conflitos sociais, políticos e ambientais, logo este artigo destaca os conflitos ocorridos no leste do Uruguai em 2011 para exemplificar este fato mencionado. Vale destacar que o artigo é estruturado primeiramente a partir das fundamentações de teóricas do sociólogo estruturalista Pierre de Bourdieu, em seguida o mesmo, correlaciona estas fundamentações ao contexto escolar durante o período da ditadura militar (1964-1985) e conclui mencionando a influência dos meios de comunicação na consolidação de regimes ao longo do tempo.

Resumo 2: MARTINS, A. M.; MACHADO, Cristiane. Gestão escolar, situações de conflito e violência: campo de tensão em escolas públicas. *Educar em Revista*, n 59, v 32, p. 157-173, 2016.

O seguinte artigo retrata a pesquisa qualitativa realizada com 43 diretores de escolas da rede pública do estado de São Paulo, a qual reflete sobre as atitudes e comportamentos dos mesmos em situações de conflito vivenciadas no meio escolar; Como resultado, obteve-se respostas imprecisas, cautelosas e até mesmo contraditórias, demonstrando falta de capacitação e despreparo por parte dos diretores. Em última instância, a pesquisa revelou que geralmente órgãos externos à escola são responsáveis pelo enfrentamento destas situações.

Resumo 3: MARTINS, A. M.; MACHADO, Cristiane; FURLANETTO, E. C.. Mediação de conflitos em escolas: entre normas e percepções docentes. *Cadernos de Pesquisa*, v. 46, p. 566-592, 2016.

Este artigo, por sua vez, destaca a pesquisa sobre o programa de proteção escolar implantado nas escolas da rede pública do estado de São Paulo no ano de 2010, logo, tal pesquisa buscou compreender o fato de que a implementação deste programa não interferiu na elevação das situações de conflito registradas nas escolas. Logo, foi possível estabelecer algumas conclusões para este aumento, dentre elas estão as práticas pedagógicas tradicionais relacionadas a princípios hierárquicos, autoritários e coercitivos, além disso pode-se considerar a ausência de sentido e significado da escola enquanto instituição perante os seus alunos.

Resumo 4: MELO MARTINS, P. F. de; MARQUES, J. F.; GUIMARÃES, H. M.. Educação e justiça restaurativa: os desafios na resolução de conflitos no ambiente escolar. REVISTA ESMAT, v. 8, n. 11, p. 11-28, 2016.

Tal artigo propõe que os conflitos interpessoais sejam problematizados por meio dos dilemas nas escolas, ou seja, estabelecendo o processo de enfrentamento e resolução de conflitos de maneira social e positiva. Importante destacar que o artigo se fundamenta, a partir da intersecção entre os estudos de Habermas, o que possibilita uma análise ampla e profunda sobre a temática tratada.

Resumo 5: VINHA, T. P.; MORAIS, A.; TOGNETTA, L. R. P.; AZZI, R. G.; ARAGÃO, A. M.; MARQUES, C. A.; SILVA, L. M. F.; MORO, A.; VIVALD, F. M. C.; RAMOS, A. M.; OLIVEIRA, M. T. A.; BOZZA, T. C. L. O clima escolar ea convivência respeitosa nas instituições educativas. Estudos em Avaliação Educacional, v. 27, n. 64, p.96-127, 2016.

O artigo reflete sobre o fato de que corriqueiramente problemas de convivência estão sendo enfrentados como casos de indisciplina e violência no meio escolar, portanto o mesmo foi construído sobre duas bases que foram os sustentáculos de uma pesquisa realizada em duas escolas públicas nos anos iniciais do ensino

fundamental; primeiramente foi desenvolvida e implementado métodos de diagnóstico do clima escolar, em seguida foram propostos projetos de intervenção como por exemplo, atividades e oficinas vinculadas ao protagonismo juvenil e cursos de formação continuada para professores e gestores das escolas.

Resumo 6: VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. R. P. Os conflitos interpessoais no Brasil e as violências escondidas. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*. Badajoz-ES. n, 7; v, 1, p. 323-331, 2014.

A pesquisa de Telma Pileggi Vinha e Luciene Regina Paulino Tognetta conclui que as atitudes hostis e agressivas por parte dos alunos, conseqüentemente, produzem um relacionamento conflituoso entre eles e os profissionais envolvidos nesse ambiente educacional, que em sua maioria, agem com o intuito de estagnar ou fugir da causa principal conforme as ocorrências das situações. Assim como, estudos apontam um índice de expansão gradativa de conflitos, para tanto, além dos estudantes da 6ª e 8ª séries, gestores também contribuíram com suas respostas e de acordo com a pesquisa, ressalta-se nas considerações de que as intervenções para com os embates têm tomado um desdobramento agressivo, autoritário e tradicional, o que influencia no funcionamento escolar, já que o conflito interpessoal está estritamente ligado à convivência, clima escolar e meio educacional. Ademais, as respostas dos estudos ponderam, dessa forma, um conceito desfavorável e inconveniente no que diz respeito a conflito.

Para elucidar as sistematizações, categorizou-se três grupos principais para analisar como os educadores tratavam os casos conflituosos, classificando respectivamente as seguintes soluções evidenciadas: evitar, conter e não intervir. Logo, os estudos referentes aos grupos obtiveram, respectivamente, ações como restrições e determinações automatizadas controle de conduta dos alunos, de modo a contingenciar suas ações. Outro que condiz em não trabalhar em prol da ação pedagógica mediante ao problema, procedendo coercitivamente e coibindo os conflitos com atitudes que forçam a obediência com a aplicação de punição, podendo

assim, desestimular a autonomia, transferindo o problema para a gestão pelo fato de o conflito interromper a aula e atrapalhar a continuidade do conteúdo. O motivo do terceiro grupo para não mediar são os casos em que ocorre confusão somente entre pares, pois assim, o professor não se sente desafiado pelo aluno, o que futuramente reverbera em desrespeito para com o próximo. Ainda, professores entrevistados observam que 47% da violência na escola está atrelada à estrutura familiar e 49% à forma como os pais educam em casa. Desse modo, é possível notar a informação de que muitos profissionais relacionam conflitos com violência, de modo generalizado, sem distingui-los, tomando medidas padronizadas de resolução, com estratégias que não colaboram para a formação moral e cidadã dos educandos, e em contrapartida, o artigo apresenta como principal estratégia os debates sobre o assunto.

Considerando o assunto tratado, as autoras evidenciam que cada vez mais está sendo percebido nas escolas a expectativa de disciplina e obediência dos alunos, e para combater tal incidente, a mediação do conflito é uma oportunidade para resoluções assertivas, sendo uma chave para a cooperação mútua e para a educação moral, visando a consideração na convivência, trabalhando com projetos construtivos e democráticos aliados ao estímulo, além do incentivo para pensar na melhor solução, pois “[...] a construção de uma convivência respeitosa e a gestão cooperativa dos conflitos requer sólida formação dos profissionais da escola [...]” (Vinha e Tognetta, p.328, 2014).

Resumo 7: VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. R. P.; AZZI, R.G.; ARAGÃO, A. M.; MORO, A.; MORAIS, A. O clima escolar na perspectiva dos alunos de escolas públicas. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 15, n. 40, p. 163-186, 2017.

De acordo com o artigo de Vinha, Tognetta, Azzi, Aragão, Moro e Moraes aponta que as pesquisas elucidam que os instrumentos que consolidam a avaliação do clima escolar são impermanentes, e de cunho subjetivo. Segundo o texto, esse tema pode ser conceitualizado como sendo assimilações, contato e perspectiva permeados pelos aspectos contidos no meio, através da interação com os pares pertencentes ao

ambiente escolar e as vivências nesse espaço. Para tanto, as experiências no ambiente escolar são exclusivas e servem de base para desenvolver significados. A qualidade do clima tem influência no desempenho dos estudantes e está relacionada a questões socioeducativas e socioafetivas, ou seja, é um fator decisivo que encaminha os frutos dos envolvidos e das suas ações dentro da dinâmica educativa. Portanto, todas as considerações deparam com uma perspectiva de unicidade, a palavra clima possui um caráter singular, no qual estabelece a cultura da escola.

Constata-se que o eixo educativo contém cinco dimensões pertinentes ao clima escolar, capazes de influenciar o indivíduo tanto positivamente, quanto negativamente. Com isso, os autores produziram uma matriz para instrumentalizar um formato de avaliação que promovesse a compreensão do clima escolar em si e qual a percepção das dimensões dispostas nesse ambiente sentida pelos indivíduos envolvidos nesse meio. Os padrões apresentados no gráfico, através da perspectiva dos alunos, possuem majoritariamente posições positivas em relação a provocações e causas constrangedoras, classificadas como atividades não-civis. Os conflitos e as relações sociais apresentam estatísticas com percentual positivo nas escolas, apesar de, eventualmente ocorrer discordância entre alunos e professores por motivos de incompreensões de uma das partes. As reflexões pertinentes aos pareceres correspondentes ao clima escolar tornam visíveis as situações decorrentes do determinado meio avaliado e exteriorizam práticas favoráveis, com ações propostas em prol dos resultados obtidos. Além disso, o texto conclui que os dados da avaliação, devem ir além do resultado propriamente dito, pois servem para direcionar as pessoas que vivenciam a rotina e o processo educativo, sendo assim, proporciona uma autoanálise, estimulando a formação continuada, pontos que necessitam de enfoque e novas investigações.

Resumo 8: VINHA, T. P.; NUNES, C. A. A.; MORO, A. Contemporaneidade e a convivência democrática na escola. Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas, v. 11, p. 123-158, 2019.



A pesquisa dos autores afirma que as relações humanas se tornaram mais individuais, por conta da sociedade atual ser focada em questões passageiras, onde ocorre a busca incessante pela inovação. Na mídia existem os formadores de opiniões, em que pese, os seus apoiadores são indivíduos que possuem o mesmo pensamento e compartilham de perspectivas da mesma linhagem, situação que caminha rumo à polarização, sem abertura para visões divergentes, desse modo, o mundo virtual permite uma busca pela conexão com os padrões da sociedade, pelo poder de visibilidade, forte movimentação pela aparência e encantamento visual. Baseados em estudiosos da sociologia e psicologia, os autores ponderam que a incessante procura por essa conexão, resposta imediata e prazer constante, resulta na insaciedade e inconformidade do vazio que não é preenchido, assim, as pessoas repelem o ciclo dos sentimentos, buscando a plenitude de prazer sem suportar e sem se permitir passar pelo tempo de sofrimento e frustração, pois, quando isso ocorre, resolve-se de modo rápido e eficaz através da medicação.

Mediante a tais fatos, uma sociedade líquida, desencadeia dentre as consequências, o relacionamento entre pares dificultoso. Ademais, o texto evidencia apontamentos de que existe uma cultura de violência no Brasil, sendo ela, disparadamente de cunho interpessoal, de acordo com o alto índice de crimes por conflitos. Para tanto, é possível perceber que a forma de agir perante um problema com o próximo é instintiva e heterônoma. Portanto, os autores defendem uma intervenção que foca no princípio, pela escolarização, porque o investimento na educação pode corroborar a melhoria não só dos dados estatísticos, mas principalmente no trabalho coletivo, em prol das futuras gerações, para promover a construção de uma educação sociomoral, formando uma sociedade consciente de suas ações e solucionadora de conflitos através de sua criticidade e valores morais.

Segundo a percepção de docentes, é muito difícil lidar com a indisciplina dos estudantes. Por isso, buscou-se investigar os resultados de projetos relacionados a valores, respaldados em documentos nacionais que determinam a formação integral do discente. Mas, evidenciou-se nas ações diversas inconsistências, seja na organização ou no seu desenvolvimento, divergindo a planificação e a sua prática, a



elaboração baseada no senso comum juntamente à carência de formação específica nessa área. Por isso, os autores consideram fortemente que a escola é um lugar que deve ir além do oferecimento de condições de permanência, devendo ser um espaço de possibilidades, de acolhimento, de aprender a conviver e a se relacionar com os pares de forma mais favorável, reconhecendo a importância de ouvir, de dialogar, de argumentar eticamente, de cooperar, de tomar decisões e entender sobre a rede de perspectivas que existe na diversidade de grupos sociais, agindo autonomamente mediante à conflitos, tornando, mesmo que a longo prazo, a sociedade mais justa e autônoma. Portanto, faz-se necessário que a escola seja comprometida com estratégias para fomentar a participação ativa na convivência democrática que agrega em si os seus valores, estimulando a aprendizagem de resolução de conflitos. Visto que, a base está na preparação que a instituição escolar é capaz de fornecer aos alunos, no que diz respeito à sociedade democrática que, propriamente dita, ultrapassa os muros da escola.

Pensando nisso, foi desenvolvido um projeto chamado "A convivência ética na escola", programado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Moral (GEPEM), com o objetivo de orientar e contribuir para a formação de formadores, que executam a instrução da moralidade para os alunos. Desse modo, o grupo viabilizou a aplicação de uma formação continuada nesse assunto, para profissionais que atuam nas escolas, professores e gestores, promoveu espaços e atividades, efetuou acompanhamento e definição de plano de convivência, com a intencionalidade de combate à violência escolar. Diante disso, avaliações provaram o progresso positivo nas vivências e convivências, por outro lado, houve resistência por parte de alguns educadores à tal novidade, assim como, a troca de profissionais que produz a interrupção do envolvimento e das atividades desenvolvidas.

A partir da leitura desse artigo, é possível destacar que o ser humano tem a capacidade de dialogar pela racionalidade inerente ao seu dna, mas o conflito se torna muito complexo para aquele que age como um ser irracional, enxergando a violência como a única saída, como defesa e fuga do problema, resolvendo-o imediatamente para cessar o incômodo sem se preocupar com as consequências.

Resumo 9: PASSONE, E. F. K.; CARVALHO, F. de A. C. Políticas educacionais de mediação de conflitos e violência. Revista ambiente educação, v. 13, n. 2, p. 278-285, 2020.

A pesquisa de Eric Ferdinando Kanai Passone e Francisco de Assis Carvalho foi caracterizada a partir da obra "Relações de convivência, conflito, indisciplina e violência em escolas públicas: Análise de um programa de governo", os autores examinaram o tema conflito e suas fases presentes na instituição escolar, desde a manifestação do problema, sua interpretação pelos envolvidos e por terceiros, até as circunstâncias, promoções e desenvolvimento de suas causas, afunilando todos os aspectos para convertê-los em fundamentações assertivas e que produzem novos conceitos de resolução. Ainda, destacam que existe uma série de assuntos a serem tratados que possuem ramificações atreladas ao Sistema de Proteção Escolar, como por exemplo, as políticas públicas e o cotidiano escolar que obtém em si suas problemáticas relacionadas à violência e indisciplina por parte dos estudantes, público juvenil. Assim, o texto defende o saber-fazer no espaço de atuação e sistematiza as ponderações a respeito das atitudes dos educadores mediante ao conflito. Ademais, a temática permeada pelo programa estabelece apoio mútuo e fundamental aos envolvidos, visto que, a prática de direitos de ordem pública corrobora não somente o bem-estar da sociedade, mas também a democracia.

Além disso, a constante construção de noções e princípios fundantes traduzem a percepção de problemáticas da realidade populacional, e assim, entram de modo colaborativo em ações lógico-rationais. Os autores assimilam de forma abrangente a vinculação entre os papéis desempenhados pelos indivíduos em seus espaços e as medidas implementadas em prol da educação, sobre as quais passaram a tomar decisões a partir de debates e consultas aos envolvidos, para absorver contribuições e ressignificar tais serviços governamentais. A pesquisa de campo possibilitou a organização de dados como, a perspectiva dos docentes em relação ao programa;

observação de como diretores solucionam casos de conflito; análise das identificações dos vinculados a determinadas situações no ambiente escolar, a respeito da convivência, regras, conflitos, indisciplina e violência.

No texto, denota-se que o livro investiga as nuances presentes nos aspectos indisciplinados, conflituosos e violentos, que estão envoltos aos adolescentes. Considera que ações conjuntas possuem forte influência nas atitudes sociais, pois se relacionam a costumes grupais, que trazem sentimento de vencedor e de se tornar alheio ao que fere, tendo uma base de não-pertencimento ao objeto. Muitas questões permeiam a vida do jovem e isso está estritamente ligado às situações escolares, até mesmo à relação entre professor e aluno. Estudantes não se sentem pertencentes ou próximos ao ambiente educacional, e precisam de incentivo e de participação ativa. Sendo assim, a escola carrega um papel fundamental na intervenção e precaução de conflitos, onde torna a consequência decisória à comunidade escolar. Tomando para si a necessidade de operar e criar estratégias que promovam a batalha dos problemas que dizem respeito às relações entre pares e as interações no espaço escolar. Deve haver, portanto, atenção às movimentações e também repúdio às respostas tradicionais, pois a forma de resolução é responsável pelos possíveis desencadeamentos, ou seja, são altamente decisivos.

O artigo define que pesquisas de campo se tratam de grande cooperação para tais processos complexos e o serviço social permite o desenvolvimento conjunto como complemento, ainda, torna-se relevante o apoio às ações sociais de cunho sustentável e envolvente.

Resumo 10: ROSA, A. F.; NUNES, T. Z. de S. D.; SOUZA, M. C.. Mediação Escolar: Educação para a Pacificação Social. *Lex Humana*, v. 13, n. 1, p. 1-22, 2021.

A pesquisa de Angélica Ferreira Rosa, Taís Zanini de Sá Duarte Nunes e Michely Calciolari de Souza concluiu que a mediação é um recurso de suma importância para casos conflituosos, sendo de viés sustentável e flexível para o ambiente escolar, porém, buscaram comparar a intervenção tradicional, que visa a punição como

solução, e a intervenção mediada, que procura uma solução pacífica e dialógica. Geralmente o conflito é visto como um problema e não como uma oportunidade para compreensão aprofundada, com resolução positiva e pacificadora. O modo de agir diante a uma situação conflituosa diz respeito ao futuro e vai além dos muros da escola, visto que pode refletir na sociedade, pois a ação vivenciada não requer solução imediata e superficial.

Além disso, o conflito está no choque de ideias, na atribuição de valores e apresentação de soluções divergentes entre as esferas docente e discente, mediante aos acontecimentos.

Segundo o texto, a mediação implica ser acionada pelo interesse potencial do conflito e que deve emergir uma atitude pensada na educação do futuro da sociedade, se vinculando ao mecanismo autocompositivo. Para tanto, caminha no sentido de autonomia na resolução dos conflitos, para ocasionar a compreensão do sujeito sobre as ferramentas possíveis no momento de pensar em determinada situação, ensinando-o a tomar decisões e manusear o próprio controle. Embates violentos são recorrentes no cotidiano escolar, o que resulta no preconceito da equipe escolar sobre o ambiente intuitivamente ruim e a negatividade dos conflitos.

No artigo é apontado que a escola é um lugar onde os alunos depositam sua confiança e descontam o que passam em casa, sendo um reflexo de contenda, por isso, a escola sofre com tais efeitos. Entre alunos e professores está muito mais ligado a questões pedagógicas, e entre pares está relacionado ao próprio mundo, e o que desfrutam em meio à juventude, assuntos que vão muito além de conteúdos escolares. Sendo assim, o texto interpreta que a forma de lidar com o conflito é ainda mais relevante que a própria prática.

Pela observação notada, um conflito se torna realmente aparente quando incide em seu grau avançado, ou seja, o ato de violência. A dificuldade de identificar o estágio inicial do conflito, se encontra atrelada à formação e déficit de preparo, e as soluções da escola geralmente são feitas de modo tradicional com registro de advertência, suspensão e expulsão, ou seja, consequência punitiva. Desse modo, existe um processo conflitual, que se desenrola conforme um espiral, de pouco em

pouco origina em causas cumulativas que se não resolvidas tornam-se em violência, tendo em vista a importância do "tratamento precoce". Para tanto, o texto faz um adendo histórico, onde a partir do momento que a escola se tornou um direito de todos e abrange uma diversidade de sujeitos com diferentes culturas, contextos e vivências ela deixou de estar preparada para este desafio e demanda, pois continuou a mesma de antes.

As autoras entendem que a forma de apurar cada conflito acarreta em riscos, como o tipo de relação entre os pares e conseqüentemente sua interação e possível formação de panelinhas. Além disso, elas promovem a ideia de não culpabilizar alguém, mas estimular a compreensão dos geradores de tais conflitos para que haja um peso de responsabilidade na tomada de atitudes para com o outro. "Estudos apontam para o fato de que não só o diálogo seria suficiente, mas também o cumprimento de sanções e combinados acordados entre família e escola" (Rosa; Nunes; Souza, p. 7, 2021).

Deve-se intervir no conflito para apaziguá-lo e consecutivamente tratar como instrumento de uma construção positiva. Diversos países como China, Estados Unidos da América, na Europa e América Latina testaram a aplicação de mediação em suas práticas comprovando sua eficácia. Além de obter a percepção, possibilita o acordo entre as partes, através de um indivíduo imparcial que media o acontecimento, ampliando a reflexão para outro panorama, produzindo a pacificação e melhoramento do clima. Esclarecem sobre um ponto da legislação que contém recomendações acerca de como agir no momento do diálogo, Lei 13.140/15:

Art. 2º A mediação será orientada pelos seguintes princípios: I - imparcialidade do mediador; II - isonomia entre as partes; III - oralidade; IV - informalidade; V - autonomia da vontade das partes; VI - busca do consenso; VII - confidencialidade; VIII - boa-fé.

Por fim, apesar do mediador obter livre-arbítrio na escolha dos métodos que utiliza, as partes conflitantes devem tomar decisões para entrar em um consenso livremente, sem imposição ou julgamento do mediador. A experiência positiva do aluno com a sessão de mediação em uma solução autêntica, corrobora a continuidade e condução de paz na sociedade em que vive.

5 RESULTADOS DAS ENTREVISTAS:

As entrevistas foram respondidas por um responsável por aluno/a que aceitou responder a entrevista. Os resultados estão apresentados da seguinte forma: a) Respostas dos participantes da Escola 1 (particular) seguido das respostas dos participantes da Escola 2 (pública). Após as respostas de cada participantes, colocamos entre parênteses e sublinhado os temas que aparecem em suas respostas.

Escola 1 - Escola privada

Pai/mãe ou responsável 1:

Resposta 1) Para mim o significado de conflitos, está relacionado a brigas e discussões. (briga - confusão entre pares)

Resposta 2) Sempre estudou em escolas privadas.

Resposta 3) A principal vantagem foi a comodidade durante os estudos e a desvantagem foi o distanciamento entre os colegas de sala. (vantagem pela comodidade - desvantagem na perda de vínculo/interação entre pares)

Resposta 4) Eu não tinha tempo para auxiliar nas atividades, geralmente minha esposa ficava com essa tarefa.

Resposta 5) Ele fazia suas atividades no quarto, porque este era um lugar adequado e confortável para os estudos.

Resposta 6) Os primeiros meses de pandemia foram difíceis, pois ele sentia falta da escola, no entanto, sempre o estimulamos e incentivamos a continuidade de seus estudos. (difícil - estudante sentia falta do cotidiano escolar)

Pai/mãe ou responsável 2:

Resposta 1) Desavenças e Brigas. (desentendimentos entre pares - briga)

Resposta 2) Sim, escola privada.

Resposta 3) A vantagem foi a maior aproximação entre pais e alunos, mas nesses anos aprofundou-se as desigualdades entre escolas privadas e públicas. (vantagem no vínculo familiar - desvantagem pela desigualdade social)

Resposta 4) Apesar de enfrentar uma rotina cansativa de trabalho, consegui auxiliar minha filha nas atividades.

Resposta 5) Ela fazia as atividades no meu escritório, junto comigo, é um lugar silencioso e apropriado para atividades remotas.

Resposta 6) Eu sempre apoiei ela nos estudos, independente das condições.

Pai/mãe ou responsável 3:

Resposta 1) Não sei, acho que pode ser discussão ou briga. (briga - confusão entre pares)

Resposta 2) Escola privada.

Resposta 3) Com o ensino remoto os pais tiveram mais controle sobre o ensino dos filhos e para mim não houve desvantagem. (vantagem no acompanhamento familiar na vida escolar do estudante)

Resposta 4) Não tive tempo de ajudar, mas o irmão dele o auxiliava.

Resposta 5) As vezes ele e o irmão brigavam por espaço no quarto, mas com o tempo se acostumaram a dividir e respeitar o tempo para os estudos de cada um. (disputa - conflito de direito a propriedade)

Resposta 6) Eu apenas forneço o suporte, pois eles precisam fazer a parte deles, ou seja, estudar.

Pai/mãe ou responsável 4:

Resposta 1) Eu acho que é briga. (briga)

Resposta 2) Sim, escola privada.

Resposta 3) Não houve vantagem ou desvantagem, era apenas um momento passageiro.

Resposta 4) Não auxiliei nas atividades, mas a escola prestou a assistência necessária para que a minha filha desenvolvesse suas aprendizagens.



Resposta 5) Ela geralmente assistia às aulas e realizava as atividades na casa da avó, era um lugar calmo para que ela se concentrasse.

Resposta 6) Minha filha é muito autônoma, por isso nunca precisei dizer palavras de estímulo ou incentivo, tenho certeza que ela alcançará todos os seus objetivos.

Escola 2 - Escola pública

Pai/mãe ou responsável 1:

Resposta 1) Sinceramente eu não saberia te responder ao certo o que seria. Mas assim, acho que é uma confusão, um choque de realidade, vamos dizer assim. A diferença social é um conflito, eu acho. (confusão)

Resposta 2) Sim. Sempre estudou em escola pública.

Resposta 3) Olha, foi muito difícil porque eu tenho duas filhas matriculadas, então, elas não queriam fazer. A minha mais nova estava com dificuldade, porque assim que ela entrou para aprender a ler e escrever veio a pandemia. Ficava muito difícil falar para elas fazerem e ajudar, sabe? Porque elas diziam: "Ai mãe, eu não quero fazer. É chato!". Então, foi bem complicado. Eu que auxiliava. Ela estudava na sala ou na cozinha, era o lugar que eu pegava ela para poder estar fazendo. Fazia pelo celular. Aí a professora mandava pelo celular e elas tinham que fazer no caderno e eu fotografava e enviava para a professora o que ela fazia. Não tinha vídeo ao vivo, era atividade só por mensagem. Algumas vezes acontecia chamada de vídeo pelo whatsapp para as reuniões com os pais. Usávamos o wifi da casa. Não tinha outro contato a não ser por mensagem, foi assim durante toda a pandemia. Era difícil convencer minha filha a fazer os exercícios, porque ela não queria, confesso que foi bem estressante porque eu trabalhava e quando eu chegava em casa eu colocava no celular para ela fazer, porque tudo estava arquivado no meu aparelho, então ela esperava eu estar com ela. (difícil - estressante - conflito de aceitação)

Resposta 4) Nenhuma vantagem, na verdade. Porque ficou muito sob a responsabilidade dos pais, e às vezes, a gente não tem o conhecimento e a paciência quanto as professoras têm, porque no caso da outra filha, que não sabia ler, eu não sabia como explicar para ela, ficava muito confuso e eu me estressava também, porque já tinha todos os problemas durante o dia e aí eu tinha que me virar e colocar elas para fazer. Para mim, não vi nenhuma vantagem. A desvantagem foi que ficou sobrecarregado para a gente fazer, tinha coisa que eu não sabia explicar o como fazer, além do fato de que ela falava que estava em casa e por isso, não precisava fazer atividade e ficar toda vez, ter que tirar foto e ficar mandando, sobrecarregava demais. (nenhuma vantagem - confuso - sobrecarga)

Resposta 5) Sim. Ela me falava assim: "Mãe eu não quero fazer. "Ah, mãe, mas para quê isso? Eu estou em casa!" "Depois eu faço". Teve bastante disso, de não querer fazer mesmo e conflito de horário também. Aí para não ficar discutindo muito eu juntava muitas atividades e fazia de uma vez só a dela e a da irmã. Eu tentava conversar, esperava meu marido chegar e ele falava com elas, explicando que elas deveriam fazer porque é para a escola. Tanto é que um dia a diretora me chamou para conversar, pois eu não estava enviando as atividades. E aí eu expliquei para ela que uma coisa é a gente deixar as crianças na escola e elas saberem que ali é o ambiente certo que tem que fazer as atividades, eu não tenho nenhum problema com elas na escola, a questão é que a gente fica cansada, tem que ficar com elas no celular e elas não queriam, pois achavam que estavam de férias. Então isso ficou muito complicado porque além disso, eu chego do serviço cansada, tenho uma bebezinha também, então foi terrível, até mesmo na creche a bebê tinha atividade pelo celular, então eu fiquei com as três, tudo para fazer, só que para ela era mais fácil porque era para brincar, não precisava estar em cima para tirar as fotos. A professora passava uma pergunta e no dia seguinte passava uma resposta, então eu tinha que ir corrigindo, para ver se estava certo ou não, entendeu? (não querer fazer - conflito de horário - ambiente inapropriado - mãe cansada - situação terrível)



Resposta 6) Olha, eu creio que elas não aprenderam muita coisa, principalmente a minha filha do meio por não saber ler e escrever, então ficou complicado para ela, pois eu não conseguia ajudar ela a se desenvolver, pelo contrário, ela estava ficando bem atrasada com tudo isso. A professora dela me ajudava, dava apoio, mas não era a mesma coisa do que na escola. Agora com o retorno das atividades presenciais ela voltou bem melhor, entrou no reforço e já saiu, foi uma mudança muito rápida e se ela estivesse em casa ela estaria mais atrasada, eu não tenho essa experiência toda e a paciência e o jeito para ensinar também, o problema foi o meio para convencer a fazer as atividades. (recorrer a ajuda da professora - convencer a fazer as atividades)

Pai/mãe ou responsável 2:

Resposta 1) É um conflito da criança, vem isso na minha cabeça, conflito dela que ela tem na escola e no jeito dela agir. Por exemplo, às vezes ela não se dá bem com as outras crianças ou não consegue enturmar, ou sei lá, um conflito que ela tem dentro da sala de aula. (conflito interpessoal no ambiente escolar)

Resposta 2) Sim.

Resposta 3) Foi difícil por conta da gente não ser professor, porque como mãe a gente quer ensinar e ajudar, mas não conseguimos por não ter preparação para ensinar eles em casa, mas o que eu pude fazer eu fiz, sabe? Sempre estar junto, fazer o que tinha que fazer, copiar, mas é difícil. Eu que auxiliava todos os dias. A professora enviava um link para entrar no Google Meet e faziam aula juntos por vídeo. Ela usava o celular. Às vezes no quarto, na sala ou na cozinha, não tinha um lugar fixo para ficar direto. Pois, as vezes eu fazia comida e ia falando com ela, não tinha aquela coisa de parar e ficar todo o tempo como é na escola que tem uma sala e um professor para isso, porque em casa sempre tem alguém chamando, cachorro latindo ou alguma outra coisa, ou seja, é bem melhor na escola. Acessava pelo celular. No wifi da casa. Todos os dias a professora mandava as tarefas pelo whatsapp, aí depois ela corrigia e ia enviando as outras. Durante o período da manhã a professora ficava a disposição da

criança, o que precisasse ela ia respondendo, mas como eu trabalho não tinha horário para mim, pois eu tinha que trabalhar e as vezes eu deixava ela na casa de alguém, com parente, para trabalhar, porque o trabalho não parou, mesmo na pandemia a gente continuou trabalhando. (difícil - não tinha lugar fixo para estudar - a mãe não ficava o tempo todo auxiliando igual na escola - não conseguia conciliar o horário do trabalho com a disponibilidade da professora - conflito de aceitação)

Resposta 4) Ah, sei lá, eu não sei se tem vantagem, porque é uma coisa que não tem proveito, pois às vezes você não consegue ensinar. O que seria bom é usar como um complemento, de estar matriculada na escola e ter um acompanhamento por fora, mas somente *on-line* a gente não estudou para ser um professor, podemos ensinar, mas não como um profissional na sala de aula. Então, na escola é bom que eles interagem, conversam, aprendem um com o outro e ensinam também e em casa é só com a gente. E acontece que eles não vão ficar para sempre ao nosso lado, pois vão crescer, vão ter que trabalhar e ter a própria vida, nesse sentido, eles precisam sair para conviver com outras crianças e ir entendendo esse processo. (não tem vantagem - poderia ter uma suplementação com conteúdo de forma remota - precisam sair para conviver com outras crianças)

Resposta 5) Sim, tinha bastante. Às vezes não queria fazer ou falava que não sabia. Como o horário da professora era somente o período da manhã tinha que esperar o dia seguinte para tirar dúvida, aí como estava em casa ficava mais folgado porque ela queria ficar deitada ou reclamava que estava com sono. Uma coisa que invadiu é como a gente não sabe como ensinar. (percebeu bastante conflito - criança não queria fazer ou não sabia como fazer - reclamação da criança - mãe se sentiu invadida)

Resposta 6) A gente ia levando, conversava ou fazia ameaças do tipo, se você não fizer vai ficar sem brincar com isso ou então vai ficar sem assistir aquilo, não tinha outra alternativa, na escola não é assim porque se não fizer o aluno vai para a diretoria, eles já sabem que tem que fazer. Por exemplo, em casa você está ali

conversando com a criança e de repente chega uma visita e depois você acaba esquecendo daquilo e passa despercebido e assim vai indo. (conversas - ameaças ou conflito de aceitação - muitos distratores que causavam conflitos)

Pai/mãe ou responsável 3:

Resposta 1) É a criança assistir problemas adultos dentro de casa e ter dificuldades. Por exemplo, houve alguns problemas pessoais em relação ao casamento da mãe dela, os pais se separaram por um ano e creio que isso prejudicou ela, por ser muito apegada ao pai, e até tinha uma rotina e quando mudou isso de certo modo ela se afetou. (conflito externo que gera problema emocional)

Resposta 2) Sim.

Resposta 3) Ah, isso foi tranquilo, porque ela é muito inteligente, fuça em tudo no celular e é super independente, quando ela tem uma dúvida ela sabe perguntar. Sim, ela gosta de estudar dentro do quarto e não gosta que fique fazendo barulho perto dela para ter total concentração (risos). Pelo celular, no wifi da casa. A gente retirava as atividades aqui na escola e ela realizava em casa. Não ficava um tempo longo, pois a gente seguia as orientações que a professora passava, que era para estudar durante duas horas e manter esse ritmo. A mãe dela que auxiliava ela nas atividades. (tranquilo - não ficava muito tempo estudando para manter um ritmo equilibrado - criança auxiliada pela mãe)

Resposta 4) Ai eu prefiro presencial, não tem vantagem. Vou dar o meu próprio exemplo, porque eu fazia faculdade EAD e não aprendi muita coisa não, então, eu troquei após a pandemia para o semipresencial e tem muita diferença no ensino, não é a mesma coisa, nas minhas aulas, às vezes, a professora ligava a câmera e todos ficavam com o som ligado ao mesmo tempo, a conexão falhava no momento da transmissão, quando eu ia acompanhar já havia perdido várias coisas, então há mais



desvantagem do que vantagem. (não tem vantagem - muita diferença no ensino - problema na conexão - perda de informações - há mais desvantagens)

Resposta 5) Assim, as "tarefinhas" ela fazia e resolvia sem complicação nenhuma. Elas moram comigo então acompanhei minha neta nas atividades em alguns momentos. (sem complicação na resolução de tarefas)

Resposta 6) O meu jeito de lidar era falando para a mãe dela para deixá-la estudar por duas horas consecutivas e depois deixar ela descansar meia-hora para dar uma arejada na mente e após isso, voltar mais duas horas e eu ainda dizia para minha filha que de sábado e domingo não era para deixá-la mexer em atividade, deixar só de segunda a sexta-feira, que é o dia normal de aula mesmo, para deixar o fim de semana para ela recrear. (a forma de lidar era orientar a mãe dela para conciliar lazer e estudos - evitar conflitos internos na criança)

Pai/mãe ou responsável 4:

Resposta 1) Briga. O professor brigar com o aluno, o que acontece muito isso aqui na escola porque fez algo errado. (confusão - descumprimento de regra)

Resposta 2) Sim. Sempre estudou.

Resposta 3) Ah, foi bem fraco, ele quase nem fez. Era enviado atividades em grupo. Ele tinha tempo para estudar, mas não fazia por conta de não ter internet, então, quase não participava. Pelo celular, com dados móveis. Ele fazia no papel e mandava foto pelo meu celular. A professora ajudava sempre. Não tinha um lugar fixo para estudar, era onde ele queria mesmo. Eu que ajudava ele toda vez. (bem fraco - tinha tempo mas não tinha internet - sem local fixo para estudos)

Resposta 4) Nenhuma, eu acho que eles não aprendem nada. Acho que por causa da pandemia para eles foi melhor, porque ficaram em casa, porém, não aprenderam

nada. Não prestam atenção, não é o ambiente apropriado, faz só a hora que quer. (nenhuma vantagem - prejuízo na aprendizagem - ambiente inapropriado)

Resposta 5) Ele desaprendeu a ler, tinha muita dificuldade para ler. Eu lidava com isso juntando as palavras com ele, como se estivesse na primeira série, agora ele voltou e está normal, mas durante a pandemia o Kaio tinha bastante dificuldade com a leitura. Ele ficava me falando que não ia mais fazer. (dificuldade na leitura - aluno desmotivado)

Resposta 6) Eu ficava conversando afirmando que ele precisava fazer e estudar, que era a mesma coisa de estar na escola, tem que insistir, não tem jeito. E eu acho que o pessoal da escola poderia se empenhar um pouquinho mais com as crianças, sabia? No dia da reunião, o professor faltou pegar o meu filho pelo pescoço, porque ele fica gritando na sala de aula, umas coisas que não faz sentido. Acho que a diretoria precisava ficar mais no pé dos professores e ver o que está acontecendo dentro de sala de aula, pois o aluno dá trabalho, mas o professor também não colabora. A gente educa em casa e na escola eles ensinam, eles não estão aqui para educar meu filho, eles estão aqui para ensinar. (insistência para não ter conflito com a escola na entrega das atividades - conflito verbal entre família e escola em reunião de pais)

Pai/mãe ou responsável 5:

Resposta 1) Conflito é uma coisa que não é certeza, tipo uma confusão ou dúvidas, acho que é isso. Um exemplo que posso te dar é de duas crianças brigando por causa de um copo, para mim isso é um conflito. Dentro de casa, vamos supor, eu falo uma coisa e o pai fala outra, aí gera um conflito onde vai criar uma confusão na mente da criança. (confusão - briga - conflito externo que gera problema emocional)

Resposta 2) Escola pública.

Resposta 3) Foi meio difícil, porque eu trabalho o dia inteiro e ela ficava com a minha mãe na pandemia, aí a professora mandava atividade no meu celular e ela só podia fazer depois que eu chegava do serviço, então, a Brenda não conseguia acompanhar ao mesmo tempo, com a professora, pois ela fazia sempre depois. Às vezes, se eu fosse viajar pelo serviço não tinha como fazer e ficava até dois ou três dias com atividade acumulada. Acessava pelo celular, no wifi da casa. Eu ou o pai dela sempre a auxiliava. Ela estudava sempre na cozinha, porque enquanto eu estava fazendo comida ela ia resolvendo os exercícios. A Brenda é esforçada, ela sempre ficava umas duas horas estudando. Quando tinha alguma dúvida a gente entrava em contato com a professora e ela sempre respondia. (difícil - escassez de aparelho para estudo - acúmulo de atividades - apoio da professora)

Resposta 4) Nenhuma, principalmente para a criança. A desvantagem é que a criança não consegue acompanhar matéria nenhuma, tipo assim, não é o mesmo aprendizado da sala de aula, *on-line* não combina. (nenhuma vantagem - aprendizagem prejudicada)

Resposta 5) Sim, os irmãos dela sempre ficavam em cima. Eles são mais novos e atrapalhava um pouco ela. Todos faziam pelo mesmo celular, aí eles tinham que esperar pelo outro para fazer a atividade. (conflito entre pares - disputa)

Resposta 6) Eu tentava fazer o que eu podia, ligava a televisão na sala, para os meninos assistirem um pouco até que a Brenda terminasse as coisas dela na cozinha e conseguir se concentrar. (distrair as partes conflitantes para estagnar o conflito)

5.1 Análise das entrevistas

Após a realização das entrevistas pelo questionário semiestruturado, cada resposta foi analisada de acordo com o objetivo proposto por esta pesquisa.

Afinal, o que é entendido pelos pais, mães ou responsáveis como conflito? Na primeira pergunta, selecionamos as palavras mais usadas pelos entrevistados para descrever o conflito, e as respostas foram confusão, briga, choque e alguns também apontaram os conflitos externos que geram problemas emocionais, bem como os conflitos interpessoais no ambiente escolar. Nenhum demonstrou uma afeição/concordância positiva com o conflito, pois ele é visto como algo ruim que leva a interrupção das vivências e atividades escolares, em vista disso, relatam que os conflitos atrapalham e causam brigas e intrigas no momento de resolução de exercícios e trabalho pedagógico, como algo que não pode ser frequente por não construir e não agregar no desenvolvimento da criança. Licciardi (2010) explica que não é comum sob o ponto de vista tradicional a identificação dos conflitos como algo natural e colaborativo no processo de desenvolvimento, pois "compreende o professor como responsável, principalmente, pelo ensino dos conteúdos curriculares, excluindo as relações interpessoais." (p. 7). Quando examinamos esses pontos, é possível constatar que o conflito é visto pelos familiares como algo negativo e problemático, no qual pode afetar a criança. Neste sentido, a pesquisa de Licciardi (2010, p. 1-2) esclarece que

Com frequência, associa-se à ausência de conflitos com o sucesso. É compreensível que se conceba o conflito como algo ruim, uma vez que ele sempre vem acompanhado de uma dose de sofrimento. Entretanto, tal fenômeno pode ser encarado sob outro prisma. Na acepção chinesa, crise quer dizer oportunidade e perigo. Se for traçado um paralelo com a concepção construtivista, adotada neste trabalho, pode-se estabelecer relações interessantes. Conflito aqui é compreendido como interações em desequilíbrio. Ora, aceitando que a palavra desequilíbrio remete a algo que não está adequado e que torna o sistema abalado, ele encerra tanto a ideia do perigo quanto a da oportunidade.

Em vista dos argumentos apresentados pelos participantes, notamos que as suas perspectivas em relação ao que foi vivenciado durante a pandemia na realização das atividades escolares foram desafiadoras, de modo que a maioria relatou muitas dificuldades. Quatro pessoas responderam ter sido difícil e estressante por vários motivos, dentre eles, a ocorrência do conflito de horário para auxiliar a criança, pelo filho não ter local fixo para estudar, por ele ter tempo disponível, mas estar sem internet para acessar os conteúdos, pela falta de aparelho celular, pelo acúmulo de

atividades. Com exceção de uma das participantes, dizendo que foi tranquilo, pois os responsáveis da criança buscavam manter um equilíbrio no tempo disposto para aquela finalidade. Todas essas questões estão associadas ao que afirmam Costa e Nascimento (2020, p. 1-2) "Escolas, professores, alunos e famílias tiveram que se adaptar a um novo modelo de ensino em meio às incertezas e fragilidades causadas pela pandemia."

Ainda, percebemos que existem fatores que contribuíram para a desmotivação do aluno, sobre os quais estão relacionados ao ambiente inapropriado mediante aos fatos apresentados. Ocorreu dificuldade no acompanhamento das atividades escolares e surgiram diversos conflitos durante a realização das atividades em casa, seja pela interação entre pares de diferentes faixas etária, como irmãos e mães/pais ou responsáveis e também devido aos inúmeros distratores dentro do ambiente doméstico, como por exemplo, responsável 2 disse *"em casa sempre tem alguém chamando, cachorro latindo ou alguma outra coisa, ou seja, é bem melhor na escola."* O local inadequado para o estudo também pode resultar no desinteresse da criança, visto que, o (a) responsável 2 argumentou que *"Às vezes no quarto, na sala ou na cozinha, não tinha um lugar fixo para ficar direto. Pois, às vezes eu fazia comida e ia falando com ela, não tinha aquela coisa de parar e ficar todo o tempo como é na escola que tem uma sala e um professor para isso"*. As características do ambiente segundo constatado por Vinha (2003) "influencia a forma como as crianças se relacionam e lidam com seus conflitos interpessoais" (p. 339).

Ademais, observamos muitos relatos de dificuldade dos responsáveis em como proceder nas mediações dos conflitos surgidos, mediante a grande demanda de desafios conflituosos durante a pandemia, pois, o acesso à Internet era difícil, o local inapropriado para estudo e também havia dificuldade na construção e definição de rotinas de estudos por conta do ambiente, bem como os noticiários relatando situações trágicas e a morte de conhecidos. Assim como, podemos perceber que o conflito gera um desequilíbrio, porque tendo um problema que não se sabe como resolver, a mediação se torna uma frustração e até mesmo um possível reflexo do apoio que passou, também, pela própria educação formal que os pais tinham. Dessa

forma, Licciardi (2010, p.7) explica que “para uma “didática do conflito” é preciso conhecer melhor esse fenômeno e como se desenvolvem as estratégias de negociação dos envolvidos em situações conflituosas, de forma que a escola possa atuar no sentido de favorecer este processo.”

Responsável 5 relatou que a falta de dispositivo para acessar os arquivos causaram dificuldade na realização das demandas e atraso na entrega das tarefas “*se eu fosse viajar pelo serviço não tinha como fazer e ficava até dois ou três dias com atividade acumulada.*”, isso também pode ser colocado como um fator desmotivante para o desempenho acadêmico do estudante.

Por outro lado, um dos responsáveis relata um incômodo sobre uma discussão na reunião de pais, demonstrando um conflito verbal² ao ouvir críticas pelo mau comportamento do filho, requerendo uma segregação entre educação em casa e ensino na escola. Segundo a autora Vinha (2003, p. 60),

Em nossa sociedade existem duas instituições formalmente responsáveis pela educação do ser humano: a família e a escola. Possuem caráter diferenciado, portanto, funções e objetivos diversos. Entre outros, na família, ocorre a aprendizagem da vivência no espaço privado, íntimo. Na escola aprende-se a viver no espaço público, no sentido de coletivo.

Para tanto, notamos que nesta questão há um desentendimento entre as duas partes, mas que podem ser resolvidas, segundo Rosa; Nunes; Souza (2021) com acordos mútuos entre família e escola, assim como a execução de direitos e deveres (p.21).

Sobretudo, conversamos com os participantes sobre as vantagens e as desvantagens encontradas após a vivência no ensino remoto, e mediante aos conflitos relatados, unanimemente não encontraram nenhuma vantagem a não ser como uma suplementação dita por um (a) responsável “*O que seria bom é usar como um complemento, de estar matriculada na escola e ter um acompanhamento por fora*”. Os motivos da sensação de prejuízo são percebidas pelas seguintes narrações: “*...ficou muito sob a responsabilidade dos pais, e às vezes, a gente não tem o conhecimento e a paciência quanto as professoras têm [...] já tinha todos os problemas durante o dia*

² Na pesquisa de Vinha (2003) ela expõe, com base em Marion (2002), que o conflito verbal caracteriza-se como ofensa, aborrecimento, intimidação ou importunação.

e aí eu tinha que me virar e colocar elas para fazer” ; “eu prefiro presencial.” ; “eu acho que eles não aprendem nada. Não prestam atenção, não é o ambiente apropriado, faz só a hora que quer.” ; “A desvantagem é que a criança não consegue acompanhar matéria nenhuma, tipo assim, não é o mesmo aprendizado da sala de aula, on-line não combina.” e ainda, fala “é uma coisa que não tem proveito, pois às vezes você não consegue ensinar [...] a gente não estudou para ser um professor” contribui para a afirmação de Costa e Nascimento (2020, p. 2): “a perda da interação presencial e direta entre alunos e professores ressignificou a consciência social tão importante em meio escolar.”

Quadro 03. Síntese dos resultados das entrevistas

Concepções segundo as famílias	Tipos de conflitos	Possíveis causa dos conflitos	Como os pais lidaram
<ul style="list-style-type: none"> - Confusão entre pares; - Brigas; - Algo externo que gera problemas emocionais; - Descumprimento de regras. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conflitos de aceitação; - Conflitos de direito a propriedade; - Conflitos verbais; - Conflitos no “choque de horário 	<ul style="list-style-type: none"> - Escassez de aparelho para estudo; - Desmotivação; - Disputa por espaços e objetos; - Muitos distratores externos; - Dificuldade no acesso à Internet 	<ul style="list-style-type: none"> - Tentavam convencer a fazer as atividades; - Conversavam; - Ameaçavam ou chantageavam; - Forneciam o suporte necessário; - Distraíam as partes conflitantes para estagnar rapidamente o conflito; - Solicitavam a ajuda



			da professora
--	--	--	---------------

Fonte: autoria própria

6 DISCUSSÃO FINAL

Para concluir, com base nas entrevistas realizadas em ambas as escolas, foi possível constatar, que o isolamento ocasionado pela pandemia do vírus Covid-19, propiciou impactos sociais, psíquicos e afetivos em alunos e familiares, tal constatação fundamenta as reflexões iniciais deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), uma vez que o isolamento contrapôs nossa origem e formação, enquanto seres humanos, a qual foi concebida por meio de coletivos ou grupos.

Vale ressaltar que o segundo ponto analisado nas falas dos familiares foi o ambiente doméstico, pois este nos períodos de pandemia, tornou-se espaço de estudo, trabalho, convivência e demais atividades cotidianas, fato que para a maioria dos pais ou responsáveis, prejudicou o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, uma vez que estes espaços, em sua maioria, não obtinham locais reservados ou adequados para a realização das atividades escolares.

Em última análise, as entrevistas destacaram o esforço das escolas na prestação de serviços e assistência durante os anos de pandemia, entretanto os pais ou responsáveis relataram dificuldades e falta de capacitação para auxiliar nas atividades escolares que eram transmitidas de forma remota. Logo, podemos estabelecer que o ensino remoto não é capaz de exercer um processo de ensino e aprendizagem mútuo, dialogado e coletivo, em que o princípio deste processo são as relações humanas, tal afirmação é embasada pela citação do professor e pesquisador Antônio Nóvoa (2019), o qual menciona que as tendências recentes de uma “domesticação” da escola, isto é, de um regresso da educação aos espaços “domésticos”, familiares, é um retrocesso imenso numa visão humanista que se



destina a educar todos com todos. Retiradas da relação com os outros, as crianças ficam impedidas de desenvolver a arte do encontro e as sociedades ficam privadas de uma das poucas instituições onde ainda se pode tentar construir uma vida em comum. Aprender e estudar em comum é a melhor forma de promover uma “sociedade convivial”, uma humanidade comum.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, Bianca da Cruz; SANTOS, Naiara Ester dos; AVELINO, Wagner Feitosa. Violência escolar: uma percepção social. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 7, 2021

BLAY, Eva A. Minorias, Política e Violência. Rev. Cult. e Ext. USP, São Paulo, n. 15, p.51-57, mai. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v15i0p> 51-57

CARNEIRO, Maria Angela Barbatto. Jean Piaget e os estudos sobre o desenvolvimento humano. **Núcleo de Cultura e Pesquisa do Brincar PUC-SP. Disponível em: <https://www.pucsp.br/educacao/brinquedoteca/downloads/artigojean-piaget-e-os-estudos.pdf>**. Acesso em 14 de agosto de 2023, v. 29, p. 20, 2014.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro et al. Atlas da violência 2019. 2019.

CERQUEIRA, D. R. de C.; BUENO, S. (Coords.) et al. Atlas da violência. Brasília: IPEA. 2020.

CHIAPARINI, Cândida; SILVA, Ivone Maria Mendes; LEME, Maria Isabel da Silva. Conflitos interpessoais na educação infantil: o olhar de futuros professores e egressos. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, p. 603-612, 2018.

DIAS, Elsa Oliveira. Winnicott: **agressividade e teoria do amadurecimento**. Nat. hum., São Paulo, v.2, n.1, p.9-48, jun. 2000. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302000000100001&lng=pt&nrm=iso . Acessos em 21 ago. 2023.

FERREIRA, D. S. P., & SILVA, L. S. da. (2022). **Cenário Acadêmico de Medidas de Prevenção e Intervenção à Violência Escolar**. *Argumentos Pró-Educação*, 7.

FRICK, Loriane Trombini. As relações entre os conflitos interpessoais e o bullying: um

estudo nos anos iniciais do ensino fundamental de duas escolas públicas. 2011.

GONÇALVES, C. Mediação de conflitos e o resto não mediável. **Revista assephalus**. Minas Gerais. N, 12. V, 23. 2017

Índices de homicídios globais estão estáveis ou em queda. Onodc. org, 2021. Disponível em <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2009/04/24-indices-globais-de-homicidios-estao-estaveis-ou-em-queda-diz-novo-relatorio-do-unodc.html>. acesso em 21 nov. 2021

JUNIOR, Abelardo Townes de Castro. (2022). **A Tutela de Direitos Fundamentais e os Índices de Criminalidade**. Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado em Direito apresentada à Faculdade de Direito. Acesso em 10 de set de 2023. Disponível em <http://hdl.handle.net/10316/103581>

LEME, M. I. da S. A gestão da violência escolar. **Revista Diálogo Educacional**, v. 9, n. 28, p.541-555, 2009.

LICCIARDI, Livia.M.S. **Investigando os conflitos entre as crianças na escola**. Universidade estadual de Campinas. Dissertação (mestrado). 2010

LUGLI, I. **Conflitos interpessoais na educação infantil**. Dissertação de mestrado. Repositório Unesp, 2018.

MACHADO, C. R. da S.; MORAES, B. E.. **Os conflitos como momento de ruptura da hegemonia: contribuições à sociologia e à educação ambiental a partir de Henri Lefebvre**. *Novos Rumos Sociológicos*, v. 4, n. 6, p. 115-136, 2016.

MARTINS, A. M.; MACHADO, Cristiane. **Gestão escolar, situações de conflito e violência: campo de tensão em escolas públicas**. *Educar em Revista*, n 59, v 32, p. 157-173, 2016.

MARTINS, A. M.; MACHADO, Cristiane; FURLANETTO, E. C.. **Mediação de conflitos em escolas: entre normas e percepções docentes**. *Cadernos de Pesquisa*, v. 46, p. 566-592, 2016.

MELO MARTINS, P. F. de; MARQUES, J. F.; GUIMARÃES, H. M.. **Educação e justiça restaurativa: os desafios na resolução de conflitos no ambiente escolar**. *REVISTA ESMAT*, v. 8, n. 11, p. 11-28, 2016.

NÓVOA, António. **Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola**. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 1-15, 2019

SANTOS, Emily. Foco na saúde mental. Reportagem G1, 2023. Disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/04/24/foco-na-saude-mental-veja-como-finlandia-canada-e-outros-paises-combatem-a-violencia-escolar.ghtml>. Acesso em 4 de ago de 2023.

SILVA, Izabella Alvarenga et al. Considerações sobre a agressividade infantil. **Revista Olhares & Trilhas**, v. 17, n. 21, p. 66-82, 2015.

VINHA, T. P. **Os conflitos interpessoais na relação e educativa**. Tese [Faculdade de Educação]. Universidade Estadual de Campinas. 2003

VINHA, Telma Pileggi; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. **Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 09, n. 28, p. 525-540, dez. 2009. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2009000300009&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 08 ago. 2023.

RODRIGUES, Leonardo Tulio. 25 de janeiro de 2023. Mais de 3 milhões de alunos não tiveram acesso à internet durante a pandemia. Central de notícias Uninter (CNU). Disponível em: <https://www.uninter.com/noticias/mais-de-3-milhoes-de-alunos-nao-tiveram-acesso-a-internet-durante-a-pandemia> . Acesso em 11 de set de 2023.

RODRIGUES, Tatiane Daby de Fatima Faria; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; DOS SANTOS, Josely Alves. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021.

PASSONE, E. F. K.; CARVALHO, F. de A. C. **Políticas educacionais de mediação de conflitos e violência**. Revista ambiente educação, v. 13, n. 2, p. 278-285, 2020.

PIANA, Maria Cristina. A pesquisa de campo. **São Paulo: Editora Unesp**, 2009.

ROSA, A. F.; NUNES, T. Z. de S. D.; SOUZA, M. C.. **Mediação Escolar: Educação para a Pacificação Social**. Lex Humana, v. 13, n. 1, p. 1-22, 2021.

VINHA, T. P.; MORAIS, A.; TOGNETTA, L. R. P.; AZZI, R. G.; ARAGÃO, A. M.; MARQUES, C. A.; SILVA, L. M. F.; MORO, A.; VIVALD, F. M. C.; RAMOS, A. M.; OLIVEIRA, M. T. A.; BOZZA, T. C. L. **O clima escolar ea convivência respeitosa nas instituições educativas**. Estudos em Avaliação Educacional, v. 27, n. 64, p. 96-127, 2016.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. R. P. **Os conflitos interpessoais no Brasil e as violências escondidas.** International Journal of Developmental and Educational Psychology. Badajoz-ES. n, 7; v, 1, p. 323-331, 2014.

VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. R. P.; AZZI, R.G.; ARAGÃO, A. M.; MORO, A.; MORAIS, A. **O clima escolar na perspectiva dos alunos de escolas públicas.** Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 15, n. 40, p. 163-186, 2017.

VINHA, T. P.; NUNES, C. A. A.; MORO, A. **Contemporaneidade e a convivência democrática na escola.** Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas, v. 11, p. 123-158, 2019.